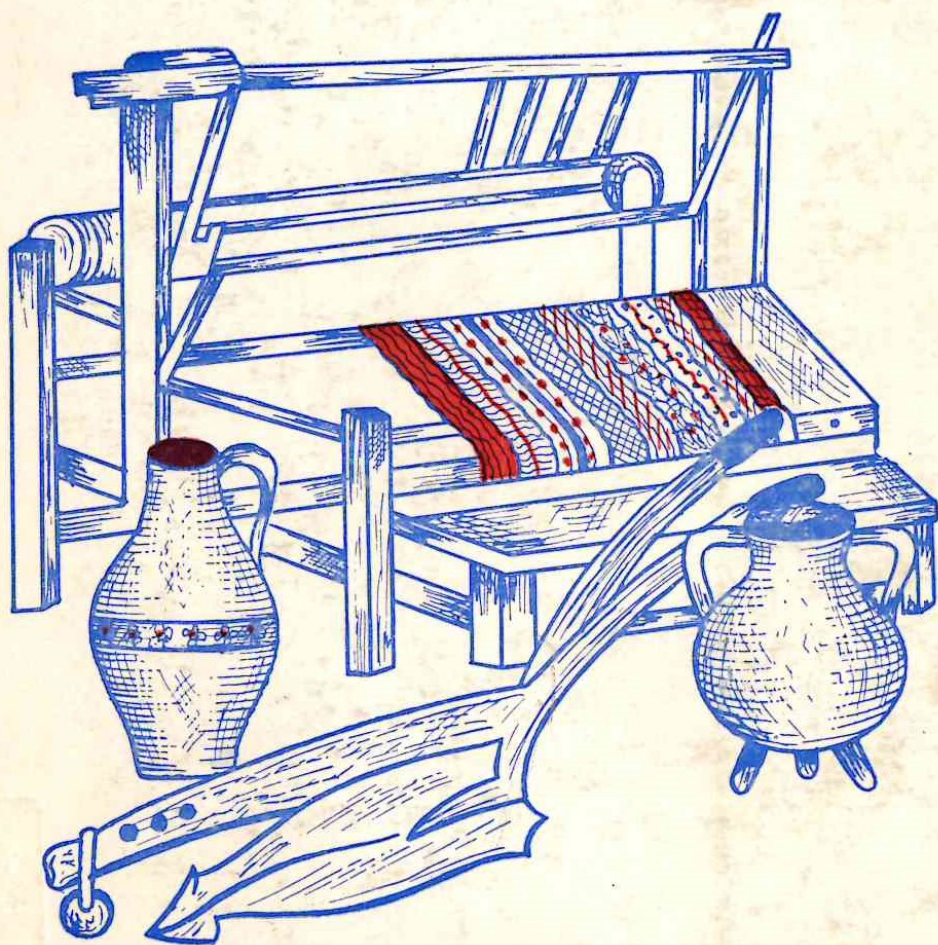


S. ROMÃO DA UCHA

no passado



e

no



(469.12)

PRESENTE



P.e Helio Gomes Ribeiro

JUBILEU SACERDOTAL
PRIMAVERA A FLORIR
UM CÉU AZUL SEM NUVENS
POR AMOR TUDO A SORRIR.

SENHOR, TE REPITO O MEU SIM
SOB O TEU OLHAR,
NA PAZ DA TARDE...

Ordenação no Seminário Conciliar:
13-7-1952

Baptizado em S.ta Cristina da
Pousa: 29-6-1928

e Missa Nova, no dia da Padroeira:
24-7-1952

(Pároco de S. Romão da Ucha desde
11-9-1955

depois de ter parodiado S.ta
Maria de Insalde
e S. Miguel de Porreiras).

Centro Comercial Barcelense

LIVRARIA E PAPELARIA

ARTIGOS RELIGIOSOS

Rua Infante D. Henrique, 46-48

Telefone 82573 - BARCELOS

1004

A tempo:

Além das gralhas assinaladas, no fim do livro, acrescentam-se estas, que os amáveis leitores ou leitoras terão a bondade de desculparem, não só estes defeitos apontados mas também todos aqueles que encontrarem na leitura:

	<i>Leia-se — acima</i>
<i>Pág. 50 a cima</i>	
<i>Pág. 75 linha 2 descrécimo</i>	» <i>decrécimo</i>
<i>Pág. 78 linha 2 neste</i>	» <i>nesta</i>
<i>Pág. 78 linha 12 mão</i>	» <i>mãos</i>
<i>Pág. 79 linha 19 repovoação</i>	» <i>reprovação</i>
<i>Pág. 81 linha 17 a apelido</i>	» <i>o apelido</i>
<i>Pág. 86 linha 7 ganjearam</i>	» <i>granjearam</i>
<i>Pág. 90 linha 16 mormorar</i>	» <i>murmurar</i>
<i>Pág. 90 linha 31 da</i>	» <i>das</i>
<i>Pág. 95 linha 7 apoveitada</i>	» <i>aproveitava</i>
<i>Pág. 103 linha 19 mormorações</i>	» <i>murmurações</i>

P.º Helio Gomes Ribeiro

C.M.B.
Biblioteca

S. Romão da Ucha



*Beralime
Perm.*

1 9 7 8

1887

1

1887

1887



Igreja paroquial de S. Romão da Ucha

C.M.B.
Biblioteca

A meus queridos pais, irmãos, cunhados e cunhadas a quem tanto devo.

Aos sobrinhos e sobrinhas, para que sempre honrem a família.

À boa gente da Pousa e de S. Romão da Ucha e a todos os amigos.

A todos que trabalham por um Mundo Melhor.

Que a Virgem, Senhora da Esperança, nos proteja com o seu manto azul.

Prólogo:

Nascido na vizinha freguesia de S. Cristina da Pousa, desde pequeno, ao ouvir, em casa, as histórias da minha família, contada pelos meus pais e tantas vezes pela Tia Alice, logo nasceu em mim grande interesse por conhecer também a minha Terra.

Tinha pena e lamentava que não houvesse uma história escrita de Santa Cristina da Pousa.

Um dia, vim para S. Romão da Ucha, como pároco, e logo notei a mesma falta.

Freguesias vizinhas, separadas só pelo Rio Cávado, o nosso Rio Grande — só na terceira classe aprendi o nome verdadeiro — a Pousa, na margem esquerda e S. Romão na Direita.

Sucessor de grandes e ilustres Pastores, que à freguesia deram toda a sua vida, pensei que uma forma de os honrar e engrandecer esta Terra seria tentar uma Obra onde se reunissem o maior número de documentos históricos. Só a verdade, nos liberta.

As nossas Terras, são tão importantes que merecem todo o nosso trabalho e esforço.

Tentar consultar as fontes e documentos antigos é esforço demasiado para sair um Livro menos imperfeito.

Que o digam os que têm experimentado.

Por isso, nem falarei das Lendas, histórias ao modo de certos Cronicões, nem dos que escrevem ao gosto dos seus chefes, nem calarei a verdade, mas «o melhor meio de descobrir verdades, averiguar sucessos de importância, e concordar tempos e anos duvidosos, dizia já no século XVII um dos nossos melhores cronistas (Frei Luiz de Sousa) é revolvendo cartórios antigos das Igrejas e Comunidades auctorizadas, onde se lançam muitas memórias só a propósito do que lhes cumpre, sem medo de desagradar, nem ambição de comprazer a ninguém, as quais, como estão puras, singelas e sem vício, servem de grande lume para a história, por Mons. Augusto Ferreira, nos Fastos Episcopais p. 11).

Nos comentários ou apreciações, terei em conta o ambiente nos quais estão inseridos.

Para engrandecer Esta, não direi mal das Outras Terras com as quais queremos ser sempre bons vizinhos e amigos.

E assim, se Deus quizer, este Livrinho ainda sai primeiro que o da Pousa.

Prefácio

Vivemos numa época, em que muitas pessoas ligam pouco ou nada ao passado, não lhes interessando a história, nem o tempo e o espaço onde mergulham as suas raízes.

Entretanto, é sempre no passado que está a razão da nossa presença no mundo. São os conhecimentos acumulados de geração em geração, que fazem avançar a ciência e a técnica, contribuindo para o progresso e bem estar da humanidade.

Os homens da presente geração levam sempre na alma e no corpo as marcas dos seus antepassados, traços bem vincados que a esponja do tempo e até do esquecimento, jamais poderá apagar.

As lições e acontecimentos de ontem devem ajudar-nos a caminhar com mais segurança e maior certeza no dia de hoje, evitando as causas que provocaram erros e desvios e assimilando exemplos, que são força inspiradora para a prática do bem, da verdade e da beleza.

O trabalho que o P. Hélio Ribeiro nos apresenta tem como principal objectivo trazer ao conhecimento dos nossos contemporâneos a génese e a evolução histórica e socio-religiosa da freguesia de S. Romão da Ucha.

Trata-se dum trabalho de investigação e confrontação de livros e documentos, que nos colocam no meio da veracidade dos factos e no justo valor das pessoas, pondo de lado lendas e «contos» destituídos de autenticidade.

Este livro vem lembrar às pessoas de hoje, e dum modo muito especial aos uchenses, os acontecimentos do passado, os homens que mais trabalharam pela freguesia da Ucha, os que por ela se sacrificaram, os que lhe deram nome e a fizeram progredir; vem despertar-nos para a admiração da fé dos nossos antepassados que construíram a capela de Nossa Senhora das Graças, na casa da Eira, no lugar de Macedo, a capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no lugar do Cabo, a capela do Senhor da Cruz, no lugar de Bairros, e todo o povo que construiu a igreja junto do cemitério e mais tarde a igreja paroquial, lugares do culto que merecem ser conservados e acarinhados por todos, pois são obras valiosas, onde continua a ecoar a voz da fé daqueles que as levantaram e ali rezaram.

O P. Hélio Ribeiro, que há vinte e três anos vem paroquiando a freguesia de S. Romão da Ucha, sempre com muito zelo, apurmo e dignidade interessando-se pelo bem de todos os paroquianos, sentindo e vivendo a peito os problemas da freguesia, quis agora pôr a circular, por meio deste trabalho, a verdadeira imagem de São Romão da Ucha.

Felicitemo-lo por este trabalho, augurando-lhe a maior divulgação, dentro e fora da Ucha.

Faro, 29 de Julho de 1978
Ernesto Gonçalves Costa
Bispo do Algarve

S. Romão da Ucha

Localização

Está situada na margem direita do Cávado, a 12K. da Capital do Minho, Braga, e a 10 da sede do Concelho, Barcelos, sendo atravessada desde Cruto a Vieiros pela estrada nacional n.º 205 que vem por Prado.

Fez parte do concelho de Prado até à extinção deste em 24-10-1855, passando para o concelho e comarca de Barcelos.

Quando entrou para o arciprestado do mesmo nome, não sei.

Religiosamente tem a sua igreja paroquial com um belo adro e cruzeiro no centro da freguesia, no lugar do Assento.

A igreja velha está um pouco ao sul junto ao cemitério rodeada também dum adro que liga com o da nova. Capela da Cruzinha no lugar de Bairros, a da Senhora das Graças em Macedo e Mãe dos Homens no Cabo.

Um Cruzeiro novo, no sítio onde houve outro, no lugar do Rego.

Ao comemorar as suas fundações diremos mais sobre o assunto.

Tem várias escolas no lugar de Gandrachã e Tele-Escolas.

Farmácia «Silva Graça» no lugar da Bouça.

Várias mercearias com duas boas pensões.

Fábrica Rainha do Cávado e Monte Alto para malha e confecções e Ucherâmica, Fábrica de Tijolos, com máquinas das mais modernas.

Lá para o final do Livro daremos informações pormenorizadas, acerca destes temas.

Ucha seu nome

Há duas intrepetações :

a) a que diz ser Ucha — igual a arca, tulha com muitos cereais, — o abade tinha grandes rendimentos, assim pensam T. da Fonseca e Pinho Leal.

b) a que diz ser Ucha igual a fogo, terra das fogueiras;

Primeira: Diz Teotónio da Fonseca, autor da preciosa obra.

«O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado» a p. 393:

Ucha. orago São Romão, era uma abadia da apresentação da Mitra.

Ucha vem do latim *hútica* que significa caixa ou casa de guardar pão e outras virtualhas.

Em um documento do século XVI de vedoria para emprazamento das terras do passal da Ucha menciona-se uma ucharia com habitação para ucheiro, ou arrecada dos dízimos donde talvez venha o nome de Ucha a esta freguesia.

O «Portugal antigo e moderno» diz : p. 6 v.

«Ucha — freguesia, Minho, comarca e concelho de Barcelos, (foi do extinto concelho de Prado, comarca de Braga) 10 Kilómetros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1768, tinha 113.

Orago, S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha de renda annual — mil alqueires de pão meiado (centeio. milho alvo, milho e painço) — 15 pipas de vinho (!) e 16\$000 réis em dinheiro.

Pertenceu em tempos antigos ao couto da villa de Azevêdo, o qual se compunha, de toda a freguesia da Lama, e de algumas aldeias da freguesia de Santa

Eulália d'Oliveira (que lhe fica contigua, ao N.) e de outras aldeias d'esta freguesia da Ucha.

No civil e no crime, estava sujeito este couto, ao juiz do antigo concelho de Prado, que tinha jurisdição municipal e sobre coimas.

A villa e couto de Azevedo, pertencia então à provedoria de Vianna do Lima.

Ucha, é portuguez antigo, e significa cosinha. D'aqui, ucharia, cosinha do rei — e Uchão (hoje dispenseiro) ao que administrava a ucharia, fornecendo-a de tudo quanto pertencia a generos comestíveis.»

Segunda opinião, a qual considero certeza, diz:

O autor «Cervães e o Bom Despacho» P. António de Sousa Araújo, da freguesia de Parada de Gatim a p. 21 e 22 escreve : O actual morador da freguesia de S. Romão da Ucha, por exemplo, quando fala em Gandra ou Gandrachã, lembrar-se-á logo do nome de dois lugares da sua terra, sem pensar necessariamente no que tais palavras possam significar. Ele poderá desconhecer e até que as charnecas pobres e aqueles terrenos incultos, onde só medraram as silvas, as urzes, os codeços e outros arbustos de fraca utilidade, tinham outrora, o nome de gandra. Poderá igualmente ignorar que gândara ou gandra pode ainda significar guiços ou gravetos. Isto é, aquele tipo de lenha miúda outrora recolhida pelos mais pobres, e não só, para cozinhar o bródio que lhes ia tendo mão no corpo.

Mais ainda, pode de todo não saber que o nome Ucha, sua terra, provém do latim *usta* (de *urior*) e significa queimada, tal como *Cádavo*, forma antiga de *Cávado*, significa também chamuscado, por atravessar em zona onde era uso queimar as urzes e ervas bravas, para eliminação da bicharada, limpeza das terras e fertilização do solo destinado a uma agricultura que poderia ser até assás intensa. (Cita Arlindo Ribeiro da Cunha, *Acção Católica*, 1941, p. 402, *Topónimos Nortenhos*).

Esta opinião é a verdadeira e portanto certa :

Vejamos ainda o que diz o conceituado autor P. Arlindo Ribeiro da Cunha em nota ao tratar de Bouro, p. 402 da citada revista *Acção Católica*, ano 1941 :

Em galego existe o nome comum *cádavo* que significa «*gamon ó ganzo*,» segundo o *Diccionario Gallego* de D. Juan Cuveiro Piñol; e «*gamon ó ganzo*», *palo de tojo chamuscado, hierba*, no dizer do *Diccionario Gallego — Castellano* de Valladares y Nunez. É palavra cognada de *Cadaval, Cadavais, Cadaveiro, e Cadavosa*, topónimos espalhados em Portugal, o último dos quais existente na freguesia de S. Martinho de Courel, concelho de Barcelos.

Ora o rio Cávado tinha o nome de Cádavo durante a nossa idade média : «*in Judicato de Entre Omem et Cádavo*» dizem as *Inquirições* de D. Afonso III (1258). Cávado é, pois metátese de Cádavo. Desta feita, Cávado, antigo Cádavo, tomou esse nome por atravessar terras *cadavosas*, isto é, lugares onde se queimavam, e queimam ainda, urzes e ervas monteses. Esta doutrina que pertence a A. Gomes Pereira (*Tradições Populares, Linguagem e Toponymia de Barcelos*, p. 331) e a J. Leite de Vasconcelos (*Religiões da Lusitânia*, vol. 2, p. 36), é confirmada pela existência do lugar de *Codavosa* em Courel, e mais ainda pelo nome da freguesia de S. Romão da Ucha. Ucha, do latim *usta*, particípio do verbo *urior*, queimar, é nome comum, com o significado de queimada, na região de Barroso por onde serpeia o Cávado, e por isso sinónimo do galego *cádavo*.

Agora, chegados aqui, peço ao leitor amigo para lançar a vista aqui aonde me encontro na Residência Paroquial de S. Romão e contemplar um dos mais belos panoramas dos muitos que a natureza nos proporciona: ao Norte e um pouco ao Poente a Serra de Oliveira com os dois Santuários Marianos, Senhora do Bom Despacho no seu grandioso Templo e na citânia de Roriz N. Senhora do Facho na freguesia de Oliveira, no mesmo Monte do Facho; ao Poente Barcelos e mais além

Franqueira; ao sul, monte de Penida, Airó, donde o romancista Arnaldo Gama, diz ter melhor vistas do que o Gerêz; entre um mar de verdura, a donairoza Igreja de S. Cristina da Pousa, continuando a volta é o monte S. Filipe e S. Gens, logo ao pé o Convento de Tibães quase encostado a dormir sobre o monte das Caldas em Sequeira, lugar duma citânia, já se divisa Braga que a estas horas ao cair da tarde parece já ali, mas mesmo perto é a Senhora da Graça e já a nascente Salgueirô com a capela ou ermida de S. Bartolomeu a abençoar o Cávado, em Cabanelas e o marco militar junto a Cruto.

Pois é : Facho era um lugar de onde, ao avistarem o inimigo, se comunicava para os outros montes por sinais de fogo, para Airó através da Penida, no qual está um marco geodésico no mesmo sítio que o povo da Pousa chamava Facho, e onde se encontram pedras com buracos que serviriam para sinais de fogo.

Mais, a freguesia da Pousa, aparece nos primeiros documentos como S. Cristina de Ulgoso da Pousa (a história de Algosó será contada em Livro referente à freguesia).

Ulgoso está ligado a Urgoso, terra de urze,.

Os seus habitantes produziam carvão desta planta, como ainda hoje fazem os mais pobres, carvão de pinhas que vão vender aos ferreiros.

Na freguesia de Lama temos o lugar no centro da freguesia com o nome de Chamusca.

A conclusão é certa.

Embora o Mobiliário Gótico entre os vários móveis conte a Ucha ou Baú e tenha coincido que os abades da Ucha tivessem muitos cereais, grandes ucharias, o certo por tudo o referido, segundo os especialistas, o verdadeiro nome de Ucha é o que se refere a lume, terra de queimadas.

Para encerrar este assunto, não teriam os habitantes das Terras do Cávado na invasão de certos Bárbaros que se serviram do Rio para as suas incursões,

necessidade de estarem de atalaia com grandes fogueiras para se defenderem dos inimigos, como depois fizeram ao levantarem os inúmeros castelos e Torres para sua defesa?. É mais uma achega para os estudiosos.

Posso acrescentar que em Monção à freguesia de Luzio, as gentes de Insalde e Porreiras no concelho de Paredes de Coura, chamam a essa terra Ucha. Na minha saída à despedida dessa boa gente tive dificuldade em lhes explicar que vinha para o concelho de Barcelos donde sou natural.

No concelho de Terras de Bouro ainda se usa a ucha que é um pau de urze seco que se espeta nas paredes das casas para iluminação doméstica.

Origens religiosas

Os Povos que viviam nestas terras eram religiosos ao seu modo, tinham os seus deuses.

Quando receberam o Cristianismo?.

Diz Mons. Augusto Ferreira : As origens da Igreja de Braga estão envolvidas numa profunda obscuridade, como, em geral, as origens cristãs da Península hispânica.

Contudo, segundo o mesmo autor, S. Ireneu no fim do s. segundo cita as Igrejas de Hespanha e Tertuliano diz estar espalhada a fé «por todas as fronteiras deste paiz».

Certo que Braga foi cristianizada muito cedo a daí irradiou à sua volta e ao longe.

Com a invasão dos Bárbaros há novo trabalho de evangelização.

Assim nos tempos dos Suevos, cuja capital é Braga, no tempo de S. Martinho e S. Frutuoso o cristianismo volta a florir nestes novos povos.

Com os Visigodos os cristãos continuam até às invasões dos Mouros, que arrasam Braga. Mesmo perseguidos e escravizados, os cristãos continuam a viver.

Quando começa a reconquista de Pelágio com os que se tinham refugiado nas Astúrias, a Igreja de Braga a pouco e pouco reconstruiu-se nos seus quadros.

E vamos continuar agora já com preciosos documentos.

Sua antiguidade

Sendo as freguesias vizinhas como S. Gens de Macarome, Cervães, Parada de Gatim, Santa Maria de Galegos, (para contar só estas que melhor foram estudadas) muito antigas, S. Romão da Ucha, junto ao Cávado e perto das estradas romanas que de Braga saíam para o Norte, tinha necessidade de ser habitada.

Junto a Oliveira, em cuja serra existe a célebre citânia de Roriz, podemos dizer que os Celtas aqui viveram.

Nesta freguesia também há o lugar de Crasto com o Monte Alto, que o povo na sua ingenuidade atribuía aos mouros, no qual estariam enterrados grandes tesouros de ouro de mouras encantadas à espera de serem encontrados.

Por mera coincidência, hoje estão lá instaladas duas grandes fábricas, a Rainha do Cávado e a Textil Monte Alto, que até, devido ao trabalho humano, produzem ouro: as confecções vendidas aos ingleses transformam-se em divisas e nas apreciadas Libras-Ouro.

A própria louça de barro que aqui se modela mostra a sua antiguidade.

Nestas Terras se fazem ainda hoje a antiquíssima malga (calote) primitiva: a infusa vidrada; a de base trípede dos Etruscos; e os vasos antropomórficos e tantos mais, tendo à cabeça o típico galo. E que lindos motivos de ornamentação utiliza o génio dos Oleiros de Prado. (ver Caminho Português de S. Tiago do Conde de Aurora ao falar de Prado).

Notar que o nome das louças de Prado tomaram modernamente o de louças de Barcelos, quando estas freguesias passaram a fazer parte do mesmo conselho.

S. Romão de Terroselo

Vou transcrever o primeiro documento que nos aparece desta freguesia de S. Romão da Ucha.

A revista Biblos, volume 24, ind. 647, p. 162, 164, n.º 419 :

419 — Refere-se à organização da Diocese pelo bispo D. Pedro.

«De Sancto Romano de Terroselo.

Nota de Dr. Avelino de Jesus Costa : Esta freguesia corresponde à da Ucha não só por ser limítrofe das de Oliveira e da Lama mas por nas Inquirições da Ucha se mencionar Terroselo.

E no volume 23 da Biblos, a p. 428... alterações toponímicas do Censual escreve o mesmo autor : «São relativamente numerosas as freguesias que substituíram o antigo nome por o de um lugar, ou em virtude deste ter atingido especial importância ou por ter decaído a povoação que lhe tinha dado o nome, como aconteceu nas freguesias de S. Marinha de Patrinaes, S. Miguel de Alviti e S. Romão de Terroselo.

Terroselo, que no s. XIII era um simples lugar e hoje é um local despovoado, foi substituído pelo topónimo Ucha».

Quando o Sr. Dr. Avelino escreveu isto era verdade que Terroselo só tinha campos. Agora volta outra vez a ser povoado. Hoje, 28-4-78 é já lugar habitado e com belos edifícios em construção.

A seguir apresento referência a vários documentos que dizem respeito à freguesia.

S. Romão em 1220

Inquirições : «De Sancto Juliano de Ucha». Terra de Prado.

Nelas se diz : «quod Rex non est patronus, quod habet ibidominus Rex terciam unius casalis. Et habet eciam in Mazaedo unam leiram».

«Quod habet ibi ista ecclesia 1 senaria. Tiviaes 6 casalia. Cervaes 8 casalia. Manenti 1 casalia».

Estas declarações foram confirmadas pelo P.e Pêro do Porto, abade da freguesia.

Tamanho dote de Igrejas e mosteiros é evidente indício da existência de nobreza proprietária local, do século XII para o XIII.

S. Romão em 1258

Inquirições: Parrochia Sancti Romani da Ucha.

Primeira Alçada

Item, in parrochia Sancti Romani da Ucha, in primo: In Mazaedo Martinus Simeonis juratus dixit que de Sobre la Fonte dam de fossadeira ij. varas de bragal al Rey. Et in ipso logu ha una leira regaenga, que dá o Mayordomo a quem quer, et dan li por ela j. teiga de pam de fora por San Michael, et uno frangao et x. ovos. Et disse que mataram y uno omem, et levou inde Martinus Johannis o omizio. Et ouvio dizer que filios de Sancia Midiz eram foreiros das eiras de Prado per cabezas.

(*Item, in esta collatione ha el Rey seu Regaengo demarcado, scilicet : in Agrela ij. leiras. Item, in Terroselo ij. leiras. Item, na Regadia j. leira. Item, so as casas de Pelagio Albo ij. leiras.*)

Petrus Johannis juratus dixit por si que era foreiro de teer as eiras, et concordavit cum Martino Simeonis, preter filios de Sancia Midiz. Dominicus Petri, Petrus Pelaiz, jurati, similiter. Item, Johannes Martini juratus concordavit cum supradictis ; e dixit ca ouvira dizer a seu padre que o Senor da Terra intrara y polo omizio, et ora non intra y.

Petrus Simeonis juratus dixit que ouvira dizer a seu padre que da quintana de Portela viu demandar a Mar-

tino Johannis que li fezessem inde foro, et levou deles dineiros. Item, ouviu dizer que dos Coliares deviam levar cum el Rey cavallo et armas quando fosse in fossado, et concordou cum allis. Item, Gunsalvo Johannis juratus concordavit foros et fossadeira cum allis. Item, Martinus Martini juratus concordavit cum Martino Simeonis, preter filios de Sancia Midiz. Item, Dominicus Pelaiz juratus dixit sicut Gunsalvo Johannis. Michael Johannis similiter. Item Johannes Pelaiz juratus concordavit cum Martino Martinis juratus ; et que viu ao Ricomen penorar Petrum Martini por teer a terra, et espedio domna Tarasia Martini. Dominicus Johannis juratus dixit sicut Martinus Martini.

Item, in Quintana, Johannes Gunsalvi juratus dixit que *ha* y uno Regaengo demarcado, unde dam frangao et x. ovos al Rey, et que o trage o Mayordomo, et dá o a quem si quer por sua offrezom.

Item, Alfonsus Gunsalvi juratus dixit que avia unos Regaengos na Bouza, que intram in Terroselo, et tres pezas in Azevedo et dá as o Mayordomo a quem quer por sua offrezom; et de cada una destas dam senos frangaos cum x. x. ovos al Rey. Pelagius Pelaiz juratus, Dominicus Martini juratus, Petrus Menendi juratus, dixerunt sicut supradicti. Item Martinus Gunsalvi juratus dixit similiter ; et addidit que in Azevedo *ha* uno castineiro da Cova, unde dam x. ovos al Rey. Et ouviu dizer que o Mayordomo entrava per Belela, et soya ir ao Outeiro por fossadeira pora el Rey.

Item, in Bouza, Johannes Petri juratus dixit que da erdade de Maria da Bouza dava j. soldo de fossadeira al Rey. Martinus Dominici ita dixit sicut Johannes Petri.

Item, in Terroselo, Petrus Johannis juratus disse que da erdade que foy de Petro Ordiniz dam al Rey j. bragal por fossadeira. Et *ha* y Regaengos conoszudos que trage o Mayordomo, et, que dá a quem si quer, et sunt viij. leiras, et serem de Quintana in Pedroselo: et una destas deu o Joiz a aromper, et dá de mais sobre las outras j. alqueire de pam. Et ouviu dizer a seu avoo que

intrava o Mayordomo in Ulveira et in Terroselo et in Gomariz. Item, Martinus Johannis juratus dixit sicut Petrus Johannis de Regaengos; et que ouviu dizer a seu padre que o Mayordomo intrava a penorar in Mazaedo de Susao, et in Ulveira, et in Gomariz, et ora non intrava y. Item, Martinus Midiz juratus dixit sicut Martinus Johannis. Item, Petrus Pelaiz juratus dixit de Regaengos sicut e outros; et de mais dixit de Maria Petri de Bouza que dava j. soldo de fossadeira, et Johannes Anana vj. dineiros. Et disse que ouvira dizer, et tem que est verdade, que o Mayordomo de Prado intrava por penorar in Terroselo, et que Michael Venegas o toleu inde. Et disse que in Mazaedo de Susao viu entrar o Mayordomo et in Gomariz, et que o toleu Michael Venegas; et que in Ulveira intrava o Mayordomo, et ora non ousa y entrar.

Item, Pelagius Quivenit, de Prado, juratus disse que in San Romao pectavam al Rey voz et caomia et omizio, et isto viu ele, et ora non la pectam.

Item, Martinus Petri juratus dixit que ouviu dizer destas sobrescritas onras que intrava y o Mayordomo, et ora non intra y.

S. Romão em 1290

«Freeguisia de San Romão de Ucha (...) em Torroselo e provado que soya y pousar o mordomo», J. de Prado

S. Romão da Ucha em 1294 e 1333

«Fernam d Ayras cavaleyro de Torroselho (...) na freguesia de San Romão da Ucha (Gav. 2.^a prop. Cabido, docs. 131 e 881.

S. Romão em 1320

«1320,» Ecclesia Sansti Romani de Ucha ad quindecim libras». T. do Arcediago de Neiva.

S. Romão em 1431

Em 10/6/1431 D. Fernando da Guerra, Arcebispo, anexou S. Maria de Penoucos a R. Romão da Ucha.

A razão era que Penoucos já então se encontrava sem cura e sem fregueses. Missas só as aí havia no dia do Orago. Conf. José Marques, in Bracara Augusta, XXX, 1976 p. 72.

S. Romão em 1528

1528. «S. Romão da Ucha rende XX», T. Arce-diago de Neiva.

Em 1528 aparece «S. Martinho de Gualéguos anexa a S. Romão da Ucha», T. de Tamel.

S. Romão no s. 16

No tempo do abade desta igreja de S. Romão da Ucha, Diogo Gonçalves, cónego prebendado na Sé Metropolitana de Braga.

Foi este abade que não quis ter a igreja de Penoucos, unida e anexada e incorporada à igreja da Ucha.

Pedi ao Papa Júlio II que dissolvesse tal união anexão incorporação, ao que de bom grado acedeu Júlio II ficando desde então a igreja de Penoucos sem cura e vaga e, como tal, automaticamente pertencente à Santa Sé.

Assim S. Maria de Penoucos, deixou de ser parte da Ucha e pouco depois passava à posse do Arcebispo, começando a ser lugar de Cervães.

Pode, o estimado leitor, ver mais sobre esta freguesia de S. Maria de Penoucos, no livro «Cervães e Bom Despacho».

Barbaramente foi destruída a sua igreja românica, então nas mãos de particulares e até a padroeira, N.

Senhora da Estrela, talvez por ter um Facho na mão, deve ter desaparecido em alguma casa de Braga.

Foi nessa igreja, que o jovem João da Cruz, futuro fundador do Bom Despacho, numa doença grave, veio consultar Nossa Senhora e prometeu ser seu ermitão.

Obtida a cura, começou logo a reparar o tecto do edifício.

Mais tarde, escolheu o sítio, onde está agora o Santuário do Bom Despacho, por ser lugar mais poético e silencioso. Ali naqueles penedos, quantas vezes chorava pela sua Senhora, a Senhora da Estrela até que a foi buscar para a sua gruta. Por maldade, destruíram-lhe esta primeira habitação e a sua querida imagem levada, mais tarde aparece numa casa particular, em Braga.

João da Cruz, não desanima e encontra protecção nos Condes de Azevedo e por isso mandará fazer em Braga a imagem da Senhora do Bom Despacho.

Foi também este abade que no ano de 1549, fez emprazamento das terras do Passal da Quinta do Assento e prazos a sua sobrinha Catarina Fernandes por 600 reis anuais.

Esse emprazamento foi confirmado por um Rescrito de Paulo III, de 24-5-1546, no qual diz aquele Papa :

... «qua dicta Catariana ejusdem Didan Gundisalvi forsan femina vel concubina sit aut fuerit...».

A razão deste pedido — tenho esse documento — é que Catariana Fernandes, não tem bens para viver honestamente, e devido à pobreza pode vir a cair na má vida, como frequentemente acontece.

E assim se foram perdendo os bens desta freguesia.

Este abade, a viver em Braga, oferece Santa Maria de Penoucos e desfaz parte dos bens paroquiais tão subtilmente.

É com dor que escrevo isto, mas as meias verdades podem ser mentiras. Eu propuz-me a dizer a verdade.

Para nossa alegria e para sua felicidade, leio Luiz Vaz «O Cabido de Braga» p. 158 : Foi o Cónego Diogo Gonçalves que erigiu no sítio, onde se erguia o Hospital

dos Templários, antes ermida de S. Marcos, o edifício que hoje enriquece a arquitectura de Braga e é conhecido pelo nome do glorioso santo.

D. Diogo de Sousa retomou os trabalhos iniciados por aquele capitular, levando avante a instituição e o imóvel.

Anexou-lhes as gafarias então existentes na cidade, com elas formando o novo hospital.

Todavia o primeiro arranque deve-se ao referido membro do cabido.

S. Romão no tempo do abade Manuel Martins da Fonseca 1749-1773

No seu tempo começa o «Livro de Vizitas» desta freguesia que vai de 24-6-1750 a 1886.

Este livro é do Arquivo Paroquial desta freguesia.

Nos anos em que foi pároco, o Livro de Vizitas, entre alguns reparos de abusos, como por exemplo as mulheres querem ir muito à frente, junto ao pároco, nas procissões dos defuntos.

Em 1750 diz ser preciso que os paroquianos reformem o campanário, pois o sino se encontra numa oliveira, e não está bem, por isso o juiz do Subsino deve providenciar.

Em 1752 manda ao juiz do Subsino reformar o cabido à frente da Igreja, reformar as portas...

Em 1754 manda que se compre uma custódia por que a que existia e era valiosa fora roubada e como o Povo gostava das Adorações e agora era quasi impossível fazer-las.

Era preciso cobrir a pia de baptismo.

Em 1756 mandar fazer peditório pelo S. Miguel para repararem a igreja.

Em 1773 por o sino estar rachado ser preciso comprar outro.

Que se faça um esquife para os enterros dos meninos.

Este mesmo abade assina os Estatutos de S. Romão.

Adiante falarei desta Confraria.

S. Romão no tempo do abade Ricardo António da Costa e Silva

O livro de Vizitas em 10-6-77 fala nele.

O mesmo livro em 1784 manda fazer um Sinete.

No Livro de testamentos o último que assina é o de 12-6-1798.

No Livro da Confraria dos Irmãos de S. Romão que começa em 1789, a p. 92, ao falar dos irmãos da Cidade de Braga, tem em 1.º lugar o Redo. Ricardo António da Costa e Silva Abb. e Rezerbatario desta Freguesia.

No tempo do abade Domingos Ribeiro Soares

Em 28-5-1795 o Livro de Vizitas manda comprar chave para o coro e que é preciso saber dum dinheiro que tinha sido deixado.

Cumprindo ordens do Vizitador do Arcediago do Neiva, transcreve vários capítulos em Agosto de 1792 a p. 41 e ss.

Em 6-10-1804 o Vizitador, Reitor na parochial de S. Maria de Adaúfe, manda em virtude da longitude e maus caminhos a Palestra que o abade de Cervães e da Ucha tinham que assistir em Cabanelas, passa a ser na Ucha para o de Cervães e desta freguesia. p. 74.

Em 11-10-1795 assina no Livro dos Estatutos de S. Romão.

No Livro de Testamentos o 1.º assinado por ele é de 19-9-1788.

Fez testamento no Gerêz para onde tinha ido fazer tratamento a 16-11-1817.

Ao falar da Capela de S. Sebastião e Mãe dos Homens, tornarei a falar nele.

No tempo do encomendado António José Ribeiro

No tempo do encomendado António José Ribeiro, sobrinho do abade Domingos Ribeiro Soares.

O último assento de Testamentos assinado por ele foi a 6-3-1819.

Seu tio o abade Domingos deixou quâsi tudo a elle, que teria de passar uns prédios para esta igreja se ficasse abade dela, o que pelos vistos não aconteceu.

S. Romão

No tempo do abade António José da Costa e Silva.

Em 29-10-1819, no Livro de Testamentos assina como abade eleito.

O Livro de Vizitas em 29-5-1828, manda fazer novo Livro por este estar no fim.

No Arquivo Paroquial não existe esse novo Livro, nem deve ter sido feito.

No Livro de Testamentos desta freguesia o último que assina é em 17-2-1824.

No Livro do Subsino, a última vez que assina é a 15-2-1835.

No tempo do abade António José de Macedo

No Livro do Subsino assina em 6-3-1836 como pároco.

Num Livro da Confraria de S. Romão assina como abade em 5-2-1837

S. Romão no tempo do abade António José Correia

No Livro do Subsino assina em 29-4-1839 como pároco.

Extacto de Assento de Óbito :

No dia 10-12-1878, faleceu o abade António José Correia de 69 anos, filho de António José Correia e

Maria Antunes, natural de S. Paio de Merelim, tendo recebido os Sacramentos. O assento foi feito pelo P.e Manuel Emílio Gomes da Costa.



A seguir transcreve-se um conto do livro de Tipos do Meu tempo

Tipos do meu tempo

de José Augusto Corrêa

A Nabeira

«Foram os próprios pais que lhe puseram a alcunha por ela devorar caldos de nabos. Eram eles uns honrados jornaleiros de lavoura e, mais tarde, caseiros de um rico lavrador de Merelim, distrito de Braga, para cujo serviço a Luiza Nabeira, Peixoto por seu pai, entrou aos dezoito anos. O patrão tinha um filho padre, outro lavrador, três no Brasil e uma filha casada com um abastado proprietário, na fronteira freguesia de Prado, concelho de Vila Verde. Era muito boa gente, incluindo o sacerdote, que não obstante varrer as feiras a cacete e deslocar os ossos a quem o provocasse ou aos seus, era capaz de dar a camisa do corpo para valer a um desgraçado, e cantava o Evangelho com uma lindíssima voz de tenor, dramático — absoluto. Mas havia outro padre na família, tio do antecedente, e abade em S. Romão da Ucha, concelho de Barcelos.

Este tomara conta da sua paróquia à frente de uma força de infantaria 8, de Braga, à requisição do Arcebispo D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, porque S. Romão era um valhacoito de ladrões e de assassinos

Muitíssimo tempo esteve aquele rebanho sem pastor, visto não haver quem quisesse ser pároco em

freguesia de tão má fama ; porém um dia o padre António José Correia apresentou-se ao arcebispo e disse-lhe sem mais preâmbulos : — Venho pedir a V. Ex.^a R.ma a abadia de S. Romão. O prelado mirou-o d'alto a baixo. aproximando-se-lhe e bantendo-lhe no ombro :

— Quando queres tomar posse da tua abadia?

— Quando V. Ex.^a R.ma mo ordenar.

— Então volta amanhã buscar a requisição para a coronel do regimento.

— Mas eu não preciso da força armada!

— É só com essa condição que te despacharei abade. E o arcebispo abandonou a sala. O pretendente obedeceu e três dias depois estava instalado na abadia de S. Romão. À sua entrada, os elementos desordeiros não se manifestaram, mas logo que a força retirou, a residência paroquial foi atacada a tiro, e o abade deveu a sua salvação a refugiar-se na Igreja, que os díscolos não ousaram profanar. Pouco a pouco, porém. o pároco foi-se desfazendo das piores ovelhas, fazendo-as prender e condenar, e meia dúzia d'anos depois tinha limpo a freguesia de todos os criminosos. Este Abade, quando visitava o irmão e os sobrinhos, em Merelim, levava sempre o revólver engatilhado para dar cabo do barbado, o feroz cão de guarda da quinta, a primeira vez que ele tentasse mordê-lo.

No tempo do abade Joaquim António de Miranda

No Livro de Testamentos assina a primeira vez em 25-4-1882.

Tomou posse como pároco depois de 9-5-1880. O primeiro assento de baptismo assinado por ele é de 27-6-1880.

O último assento feito por ele, é do Livro de Óbitos a 4-1-1898.

Desta freguesia transitou para Oliveira, Barcelos,

tendo sido proprietário da quinta do Assento na mesma freguesia.

S. Romão no tempo do abade José Gonçalves Coura da Costa

O primeiro assento feito por ele é do Livro de Óbitos com a data de 8-2-1900.

No dia 19-10-1914 o assento de baptismo está feito em seu nome.

Veio para abade da Ucha, da freguesia de Fragoso do mesmo concelho. Com ele veio a sr.^a Mestra, que durante toda a vida, ensinou doutrina e as primeiras letras e no fim deixou à igreja, o relógio de parede que está na sacristia.

Foi com muito custo e paciência que resolveu, se fizesse a igreja paroquial e que teve o gosto de a inaugurar como adiante se verá, ao falar desta grandiosa obra.

Soube escolher o lugar, arranjar os acessos e fazer um edifício funcional e útil para os católicos seus paroquianos.

Numa época tão difícil foi herói.

No tempo do P.e António da Silva Araújo

Em 24-10-1914 estava como interino

Em 1914 já era pároco encomendado

De 1915 a 1918 é pároco efectivo.

N.º 19 P.e António da Silva Araújo.

No dia 25 do mês de Outubro do ano 1918, nesta freguesia de São Romão da Ucha, Arciprestado de Barcelos, desta Arquidiocese, faleceu, tendo recebido os Sacramentos da Santa Igreja, o Rev.mo P.e António da Silva Araújo, de 30 anos de idade, Pároco desta freguesia de São Romão da Ucha, natural da freguesia de Cervães, Arciprestado de Vila Verde, desta Arqui-

diocese, e residente nesta freguesia, filho legítimo de Manuel de Araújo e de Teresa Gonçalves Coura da Costa, moradores na freguesia de Cervães. Foi sepultado no cemitério público da freguesia de Cervães.

São Romão da Ucha, 26 de Outubro de 1918.

O encarregado da paroquialidade — P.e Joaquim Gomes, Cópia do Assento. S. Romão da Ucha, 26-10-1977.

S. Romão no tempo do pároco Sebastião Domingues de Sá.

Em 1918 é encarregado da paróquia o rev. P. José Joaquim Gomes.

Em 18-12-1918 assina como pároco o P. Sebastião Domingues de Sá e o último assento que fez é de 1921.

Em 1922 o rev. P. José Vitor faz alguns assentos.

Em 1923 e 1924 aparece outra vez como interino P. José Joaquim Gomes.

S. Romão no tempo do abade António Gomes da Costa

Em 3-8-1924 já aparece um assento feito por ele.

Saíu da freguesia em 1933 para abade de S. Maria de Galegos.

Quando veio para esta freguesia, reformou a Residência Paroquial e o pequeno passal que ficou depois da composição com a Igreja após a venda deste pela República.

Reformou a Igreja fazendo os últimos acabamentos e comprou a imagem de S. Romão que foi feita em Carvalhal e completada em Braga.

Instituiu a Associação da Doutrina Cristã e deu vida ao Apostolado da Oração e Cruzada.

Ofereceu o Relógio da Torre e adquiriu bens para o benefício paroquial.

Era natural desta freguesia da Casa Gomes de

Quintão e está sepultado em jazigo de família no cemitério Paroquial desta terra.

Pároco exemplar nunca deixou o seu Breviário.

Em 1933 faz o serviço de paróquia o Rev. P. Victor desta freguesia nascido na Casa da Eira.

Em 1934 é pároco interino Joaquim Coelho Araújo, pároco da Lama.

S. Romão no tempo do pároco P. Joaquim da Silva Bacelar

Foi pároco nesta freguesia desde 1934 até à sua morte que ocorreu em 28-6-1946.

Continuou a zelar a igreja.

Fundou a Acção Católica Agrária, dentro da qual nasceu o gosto pelo teatro, que foi célebre.

Quem se não lembra da Vida de Cristo, Santo António, etc.?

Foi no seu tempo que se fez o salão Paroquial, sendo um dos grandes benfeitores com a sua irmã D. Rosa.

Nascido na antiga e fidalga Casa Custariça, que tantos varões ilustres deu à Igreja, ainda hoje se vêem os bons resultados da sua acção de bom pastor nesta freguesia.

Filho de António José da Silva Bacelar e de Maria do Carmo Pereira Couto, era o último dos 10 filhos do casal.

Nasceu a 27-8-1898, ficando sem pai quando tinha um ano de idade. Ordenou-se sacerdote em 8-4-1923 e cantou missa na igreja paroquial de Cervães no dia 6-5 do mesmo ano.

Foi pároco também querido em Freiriz.

Educador da juventude, como era amigo das crianças.

Estimado por todos, era todo simpatia para os seus colegas.

Nunca faltava na Pousa sempre que havia alguma

solenidade religiosa. Como lhe agradeço os prémios que nos dava através do sr. abade da Pousa P. -José Loureiro, oferecendo-nos a assistência nos grandes dramas que faziam no Salão da Ucha.

Difícilmente alguém terá sido chorado como quando o povo de S. Romão acompanhava o seu funeral para o cemitério de Cervães.

Que Deus abençoe seus familiares e Cervães que deu pelo menos três párocos a S. Romão que foram luzeiros na Igreja Católica.

São eles :Abade José Gonçalves Coura da Costa que com os seus paroquianos fez a actual igreja da Ucha.

Seu sobrinho P. António da Siva Araújo, que morreu aos 30 anos vítima de seu apostolado, na Pneu-mónica em 1918.

Por último, P. José Joaquim da Silva Bacelar, que quando veio para a Ucha se assinava também Junior.

São seus sobrinhos . P. João Evangelista Bacelar e Oliveira, honra de ordem Franciscana a cuja Ordem pertence. P. Dr. José do Patrocínio Bacelar e Oliveira da Companhia de Jesus, Reitor da Universidade Católica portuguesa, fundador principal da Faculdade de Filosofia, coração a dar-se a todos à semelhança de S. Paulo.

Depois do funeral de seu tio, o qual faleceu santamente, nesta Residência Paroquial de Ucha, começa a chorar e não entra.

São assim os grandes homens.

S. Romão no tempo do pároco P. Domingos Correia Neiva Pinheiro,

Natural de S. Pedro de Alvito, Barcelos, oriundo duma grande e boa família.

Foi pároco de 1946 a 1949: nesta freguesia.

Veio de Landim, Famalicão. Lá fundou os Escu-

teiros e todos recordam e não esquecem o seu apostolado.

De S. Romão, passou para Cervães e quem quiser saber quem é o sr. P. Domingos Pinheiro, tem de fazer uma visita até ao Bom Despacho e conversar com os seus paroquianos. Fica na história, como um gigante, entre os grandes.

Na Ucha, continuou a obra do sr. P. Bacelar e foi um bom reformador.

Actualizou tanto quanto foi possível os direitos paroquiais de S. Romão e procurou disciplinar dentro dos bons costumes a freguesia.

De como é querido em Cervães ou ainda na Ucha, toda a gente o sente.

Sendo pároco de freguesia vizinha continua a ajudar e a prestar os seus trabalhos de sacerdote zeloso.

Obrigado, dum seu sucessor e que Cervães tenha a felicidade da sua presença por muitos e muitos anos.

S. Romão no tempo do pároco, P. Manuel Martins da Costa

Sucedeu ao sr. P. Domingos e pastoreou esta freguesia em 1949-1950.

Pensando vir para a Ucha para ficar, esteve pouco tempo.

Foi adquirido no seu tempo o painel do altar-mor e concluiu o Salão Paroquial.

Foi daqui para a sua terra natal, S. Romão do Neiva.

S. Romão no tempo do pároco, P. João Pereira de Miranda 1950-1955

Veio de paroquiar a freguesia da Bela, Monção e daqui foi para pároco de Aldreu, Barcelos, sua terra natal.

Continuou os seus trabalhos paroquiais, nesta

freguesia, seguindo na mesma linha de orientação do sr. P. Bacelar e sr. P. Domingos Pinheiro.

Melhorou o Livro de Usos e Costumes e lançou a ideia dum legado de Augusto Senra.

Juntamente com a Junta desta freguesia conseguiu que a mesma fosse dotada duma cabine electrica e que a Luz chegasse à maior parte das casas.

Socialmente foi origem de grande progresso e bem estar dos seus paroquianos.

Com a iluminação nas casas, a industria caseira desenvolveu-se.

Novos campos puderam ser cultivados e regados devido aos motores electricos.

Puderam mais tarde fazer-se as Fábricas e assim aumentar o nível de vida dos seus habitantes e de outras zonas.

Quem diz que os padres só sabem rezar tem os olhos muito fechados.

Em Aldreu conseguiu que se fizesse uma Residência Nova e actualmente é pároco também de Tregosa.

É com todo o gosto que registo a sua amizade para com o seu sucessor.

Igreja Nova

Em 12-11-1903 houve a visita do Ex.mo Prelado da Diocese a esta freguesia.

Falta o turíbulo, rapaz que grita a pedir o trigo.

Na segunda entrada do Adro de quem desce, na parede, foi resolvido, nesse dia ao findar a visita, fazer-se a nova Igreja.

Era pároco : José Gonçalves Coura da Costa.

18-3-1908 : foi benzida a nova igreja.

19-3-1908: é celebrada a 1.^a missa: informação de Teresa de Oliveira e Sousa (Capitão).

23-4-67 a informação do turíbulo, fora-me dada pelo rev. P. Victor.

Igreja Velha — Antiga Matriz e Paroquial

Fica no lugar do Assento ao sul da nova a uns 60 metros junto ao cemitério que tem a data de 1887.

Nela e no Adro estão sepultados os restos mortais de gerações até à fundação do cemitério. Dentro da capela-mor ainda se vêem sepulturas com os respectivos taburnos.

Foi reduzida ao seu tamanho actual quando se construiu a nova.

Tem uma espécie de rosácea na frente e uma sacristia ao lado.

É pequena e sem arte.

Quando seria construída?

Seria na mudança do nome de Terroselo para Ucha? Talvez.

O lugar do Assento fica ao lado do da Bouça.

Na parede posterior da sacristia, da parte de fora, junto à capela-mor, está uma lápide em granito ensalitrado com uma inscrição. Essa inscrição, T. da Fonseca tentou passar para o seu livro assim : S IN E DCCCL VIII HE MUH DE S. FERI 99 R A.

Estão muito estragadas essas letras, mas pode ser que depois dum trabalho sério de limpeza o sr. dr. António Costa Lopes, conceituado perito em tantos ramos de saber, ilustre barcelense, natural de Chorento, amigo, colega e condiscípulo venha a debruçar-se sobre o assunto.

Desde 1700 o Livro de Vizitas vai dizendo que é preciso arranjar e aumentar a igreja ou pensarem em uma nova.

O cabido, da entrega da Cruz, fica perto da porta principal.

Apareceu, quando se plantavam as oliveiras uma sepultura em pedra e julgo que ainda está outra enterrada.

Esta igreja que tem sido arranjada, juntamente com os Adros, serve hoje de local de catequese de meninas.

Capela da Santa Cruz, Cruzinha, na denominação popular.

No relatório do movimento associativo das freguesias da Arquidiocese de Braga, que mandou fazer o sr. Arcebispo D. Manuel, com a data de 1-2-1925. o sr. abade António Gomes da Costa, em resposta para a Cúria Diocesana em 20-5-1932 quanto às Igrejas e Capelas existentes da freguesia diz: «Existem as Capelas de Repouso, junto ao cemitério, de N. Senhora Mãe dos Homens no lugar do Cabo, de Nossa Senhora das Graças no lugar de Macedo, da Santa Cruz, em ruínas, no lugar de Bairros, e dous Oratórios domésticos nas casas do Sovereiro e da Gandra, nos lugares do mesmo nome.»

Como começou esta capela da Cruzinha?

Depois da história do Senhor da Cruz de Barcelos, fizeram-se várias capelas com este nome.

T. da Fonseca narra no seu livro Barcelos Aquém e Além Cávado quando fala de Lijó: «Contemos a história do aparecimento da Cruzinha em Lijó. Em um Domingo, 11-6-1843, fez-se nesta freguesia um cerco ou procissão de S. Sebastião — ao passar no fim da Procissão viram no chão uma cruz.

Passados 15 dias, organizou-se comissão, mandaram fazer a Capela, na qual puseram um quadro com Cristo crucificado sob a invocação de Senhor da Piedade.

Mais tarde construiu-se o templo que se vê».

Também, aqui em S. Romão se conta que, passando uns bois por aquele local de Bairros, estes ajoelhavam-se, e que apareciam na terra umas cruzinhas. Por iniciativa dum senhor chamado Campinho, o povo começou logo a fazer a Capela com alpendre. Junto à porta principal colocaram uma pedra em cruz que actualmente está na parede de frente.

Quando se fez a igreja nova, muita pedra dos muros e do dito alpendre veio para a construção desta.

No altar-mor há uma cruz com a imagem pintada

do Senhor que tem resistido a todas as intempéries e é invocada com o nome de Senhor dos Aflitos.

Esta Capela está a ser restaurada por iniciativa da gente da Terra e com grande entusiasmo oferecem as suas esmolas.

Como o único altar estava podre, fica com uma mesa de pedra lavrada e da região, ao centro

A capela é pequena e sem estilo e não tem campanário.

Neste restauro, sobressaem como benfeitores o sr. Manuel António Rodrigues, proprietário da casa de Bairros e o sr. Manuel Soares Fernandes emigrante na Venezuela e que nunca esquece a sua terra e os amigos de sempre.

E assim se vai honrando a memória daqueles que nos deixaram tantos exemplos de fé e de cristianismo.

Capela de N. Senhora das Graças.

Está situada no lugar de Macedo.

Há volta de 150 anos a Farmácia que hoje tem o nome de Silva Graça e está no lugar da Bouça, existia então numa casa da Eira, a qual mais tarde serviu de escola até à construção do actual edifício em Gandrachã.

Era seu proprietário o sr. Luciano Gomes da Costa da dita Casa da Eira, farmacêutico de renome.

Um dia resolveu fazer-se padre estudando Teologia no Seminário de Braga.

Durante as férias nasceu nele outra ideia:

Construir uma capela em honra da Senhora.

Assim ao terminar o Curso Teológico, terminava os últimos retoques da nova ermida.

O motivo, para esta ser aprovada pelo Ex.mo Ordinário, era que o povo dos lugares próximos desejava vir à igreja e como os caminhos eram maus e a pontelha nas Quintães, quando chovia tornava-se intransitável, fazia falta a Capela para o culto e devoções.

Foi aprovada.

Ao fazer o Centenário no ano de 1951 houve festa com missa e cerimónias religiosas.

A capela tem estilo e a frente é revestida desde a origem com lindos azulejos.

Ao lado tem um sino normal.

Está venerada e tem imagens, sobressaíndo a de N. Senhora — Coração de Maria espalhando graças das suas maternais mãos — e a de S. José.

A ciência, quando ciência leva a Deus.

Aqui de médico dos corpos passa a médico das almas.

O P. Luciano é uma glória da família cristã onde nascera e honra da sua freguesia, S. Romão da Ucha.

Capela de N. S.^a Mãe dos Homens

O sr. Joaquim Soares Coelho, guarda 3 doc. da Capela que tratam:

— 1 é a Provisão de Braga de 8-6-1794.

Era abade da freguesia: Domingos Ribeiro Soares.

Era Arcebispo de Braga: D. Fr. Caetano Brandão, que assinou.

Foram cumpridas todas as formalidades de Direito.

O abade de Cabanelas, foi o informador fiscal, diz: «que a Capela de S. Sebastião que há na freguesia está fraca e pequena, que se a igreja que é preciso fazer for feita no mesmo local, a Capela Mãe dos homens, fará geito e por isso é melhor fazer-se agora, que há quem a faça.»

Foi mandada fazer por Francisco Xavier Forte, desta freguesia, que estando no Estado das Américas, fez voto e promessa à Mãe de Deus de que vindo para este Reino lhe mandaria fazer uma ermida e nele colocar-lhe a sua Imagem com o Título de Mãe dos Homens.

Chegou a salvamento.

Em alguns sítios a Capela tem o título N.^a S.^a Mãe dos Homens e S. José.

A provisão foi registada: 23-6-1794 em Braga.

No fim da provisão: registada: 6-6-1794.

Capela Mãe dos Homens

2.^o doc. 31-3-1819, registado em Braga.

Património:

Foi reajustado e retificado por Francisco de Macedo e mulher Izabel Maria, do lugar do Cabo.

Em 1794. escritura de doação de Francisco Xavier Forte.

1: Campo, com o nome de Boucinha, avaliado: cem mil reis.

2 : campo com o nome da Andorinha, avaliado, mil reis.

3: Uma leira na veiga de Torrozelo, avaliada, vinte mil reis.

4: Uma leira no eido das Picas, avaliada. quatro mil reis.

5: 8 rasas de grão meado que lhe pagam por título de prazo João Fernandes e mulher, da Bouça.

6: 5 rasas de grão meado que lhe pagam por título de prazo, Domingos José Pereira e mulher, de Cervainhos.

7: 3 rasas e meia de grão meado, que lhe paga Custódia de Oliveira, também de Cervainhos.

Não se podem aleanar.

3.^o doc. Licenças para ter confessionário, missas, etc.

Todos estes doc. estão no sr. Joaquim Barca d'Água.

Capela de S. Sebastião

Não sei da sua antiguidade.

No ano de 1786, o Visitador mandara reparar a

Capela por dentro e por fora com os muros, por estes ameaçarem ruína.

Depois desta visita vem: «Aos vinte e três dias dos mês de Julho deste presente ano de mil setecentos oitenta e seis, li e publiquei o Abb.e Ricardo António da Costa e Silva.

Nesta transcrição actualizei a escrita.

Portanto esta Capela tinha que ser antiga.

No tempo do Abade Domingos Ribeiro Soares, na informação que deu o abade de Cabanelas para se construir a Capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens, diz que é pequena e fraca.

Foi destruída em 1904, quando se começaram as obras da nova igreja.

A sua situação era junto à estrada nacional, em frente ao Cruzeiro actual, mais ou menos onde está o candeeiro com o jardim em volta.

O motivo de a destruírem fora: estava em ruínas e não havia dinheiro e este fazia falta para a nova igreja; estava em cima de valados altos e era preciso abrir uma avenida da futura igreja, que felizmente se tornou no lindo Adro desta freguesia.

A sua pedra fazia falta para a nova paroquial que a freguesia precisava e queria fazer.

A sua imagem já estragada, por haver outra na igreja, foi queimada juntamente com um retábulo das Almas. Foi pena, mas para nossa desgraça as barbaridades não acabaram.

A única relíquia que existe é uma Cruz Processional com efígie do Santo e que por pouco se livrou de ser vendida.

Cruzeiro, no lugar do Rego

Ano: 1962; a data que tem, 18/8/1963 é da 1.^a visita de Dom Ernesto Gonçalves Costa, a esta freguesia, depois de ser eleito Bispo: nesta altura houve

crisma e grande procissão eucarística presidida por S. Rev.ma D. Ernesto.

Mestre: José Joaquim Martins Morgado, filho de António Rodrigues Morgado e Emília Martins Loureiro, nascido na freguesia de Pousa em 26/11/1935, meu cunhado.

Local de trabalho: Casa da Mutena, lugar da Igreja, Pousa.

Origem da Pedra: Penida, Areias de Vilar: o globo que sustenta a Cruz pertencia ao cruzeiro velho; as fundações levaram pedras que já eram suportes do antigo; ao lado, no mesmo lugar onde era o sítio do 1.º cruzeiro estão pedras que encontrei.

Custou a obra: 6.500\$00.

Alminhas do lugar de Andorinhas

Há mais de 100 anos que um senhor da freguesia da Lage, cumprindo uma promessa colocou uma tábua pintada representando as Almas do Purgatório, mais ou menos aonde está agora a casa de José Fernandes Fumega.

Por a mesma ocasião o dono da bouça, junto às Alminhas, mandou fazer a pedra para abrigo do retábulo. Chamava-se esse senhor, José António Veloso.

Mais tarde, talvez depois de feita a estrada nova, foram trazidas para perto desta, mas ainda viradas para o caminho, um pouco ao lado e para trás de aonde estão.

Nesse sítio, o retábulo acabou por desaparecer estragado e a pedra ficou ao abandono por muitos anos. Este trabalho foi feito por Manuel José da Silva Graça, foi ele que as colocou.

Em 1950 «Novembro» ! eis que as Alminhas têm um grande benfeitor na pessoa de João António da Silva Graça. Fez tudo à sua custa: mudou a pedra para a frente da estrada e mandou fazer a cruz e o oratório

em cimento; dentro colocou um lindo quadro em folha pintada. Estavam restauradas as primeiras Alminhas. Houve alegria, houve festa com sermão. Desde então têm sido sempre veneradas com todo o carinho.

Louvor e glória a todos os que trabalharam e trabalham pelas Almas do Purgatório.

Estes dados me foram dados por o mesmo João António da Silva Graça.

Alminhas no lugar de Andorinhas

No dia 20-4-1969, inaugurei os azulejos representando as alminhas, nas Andorinhas.

Depois foi colocada a proteção na frente.

O pároco: P. Hélio Gomes Ribeiro.

Alminhas no lugar de Crasto

No tempo que foi tesoureiro da Confraria do Santíssimo o sr. António Joaquim Gomes de Araújo, pensou-se fazer um Nicho, para retábulo dumas alminhas no lugar de Crasto.

Nesta altura, só havia um nicho nas Andorinhas e o que está cravado na casa que pertenceu ao benfeitor Manuel Luiz Gomes Coura, no lugar da Gandra.

Tiradas as licenças necessárias na Direcção de Estradas, foi encomendado ao artista Manuel Joaquim Fernandes o trabalho de pedra a qual foi oferecida pelo mesmo tesoureiro.

No fim do verão de 1959 foram inauguradas ao som da música de Oliveira, Barcelos.

Quem vem dos lados de Barcelos, são as primeiras Alminhas que encontra depois de entrar nesta freguesia.

Estão num lugar maravilhoso, junto ao viveiro da Ucha, fazem ligação com o lugar da Gandra, hoje em grande progresso.

Várias vezes teem sido arrombadas, mas o brio destas gentes, as manterá sempre belas e restauradas.

Que o seu grande benfeitor já tenha sido premiado na morada eterna do além.

Alminhas do Adro (perto da antiga capela de S. Sebastião)

Génese da ideia:

A notícia de ter havido uma capela de S. Sebastião e perto umas alminhas (nota: a capela foi deitada a baixo para ajudar a igreja nova e as Alminhas acabaram pouco tempo depois), junto ao actual candieiro que está entre a estrada e o cruzeiro, começou a interessar-me.

Depois soube, que o senhor P. José Joaquim da Silva Bacelar, mais ou menos onde está agora o nicho, queria colocar umas Alminhas. Nasce então a ideia de realizar esse desejo.

Restauro a igreja.

O altar da S.^a de Fátima, sem arte, sem valor, e péssimo é substituído por o actual. Desse altar só aproveitou o Retábulo das Alminhas que o sr. Padre Bacelar comprara por 650\$00. Este Retábulo foi encomendado em Braga no ano de 1938. Em 1940 já estava pago e exposto ao culto na igreja. Por fim fica no dito altar.

Com o altar novo, onde não tem lugar, vai para a sacristia até ter casa. É pintado de novo. Os antiquários querem comprá-lo.

Realiza-se a ideia:

O sacrário da igreja serve de modelo.

Depois de todas as diligências, com data de 10-10-1960 e com o n.º 1053 é passado o Diploma de Licença na Direcção de Estradas do Distrito de Braga, em Braga.

Por o artista que tratou a obra faltar e proposita-

damente deixar passar o tempo da Licença, foi preciso pedir nova.

No dia 27-1-1961 por novo Diploma, passado em Braga, foi prorrogada a Licença antiga por 90 dias.

Foi entregue a obra, então, ao sr. Joaquim que cumpriu e bem.

O sr. Paiva de Chenop, ofereceu o cabo subterrâneo para a electrificação.

Inauguração:

Foi em 23-4-1961, no meio de grande alegria onde não faltaram os foguetes.

Fins de 1963 com a reparação da estrada o nicho que estava mais a cima um pouco, é reconstituído no lugar onde está.

Junho de 1965 compram-se 2 jarras.

A maior esmola, fora o trabalho, para estas alminhas, deu-a o pároco P. Hélio.

Prédios que o Benefício Paroquial de S. Romão da Ucha, herdou.

No dia 18 de Fevereiro de 1956, às 24 horas, no lugar de Vieiros, desta freguesia, faleceu Augusto da Silva Côtó, de 47 anos de idade, solteiro, natural desta, onde residia, filho legítimo de Manuel Luiz Côtó e de Maria Albina Gomes da Silva — cujo assento de óbito é o n.º 4 desse mesmo ano — que deixou os prédios que tinha em Gandrachã e na Teiga, desta freguesia, ao Benefício paroquial, ficando o seu irmão Francisco Castro Sousa, usufrutuário.

Obrigações

Deixou as seguintes obrigações: — para o seu irmão Francisco cumprir durante o uso-fruto — para cumprir depois o referido Benefício.

Dar todos os anos 3 litros de azeite para a lampada da dita igreja da Ucha.

Todos os anos mandar dizer as seguintes missas: 3 por alma dele Augusto sendo uma no aniversário da sua morte, 2 por alma dos pais e irmãos, 1 por alma do irmão dito Francisco; 1 Responso junto à campa dele, Augusto, no dia dos Fieis Defuntos, em que a procissão for ao cemitério.

No dia 12 de Janeiro de 1965, no mesmo lugar de Vieiros, faleceu o seu irmão Francisco. O assento de óbito é n.º 1.

No dia 6 de Abril de 1965 paguei de transmissão: 2.214\$00, dei para o trabalho do empregado: 400\$00.

Adquiri 1 cópia do testamento e uma escritura do de Gandrachã.

Pouco tempo depois da morte do Augusto, juntamente com os representantes das autoridades da terra, apresentei ao Senhor Arcebispo, D. António, o testamento que o aceitou muito contente por haver na Ucha quem se lembre de ajudar a sua Igreja.

Salão

Condições para a construção do Salão Parte de Pedreiro

Terá o salão dezanove metros de comprimento, nove metros de largura, e quatro metros de altura acima do terreno por alturas do meio do salão.

O alicerce terá oitenta centímetros de largura e a parede cortada cinquenta centímetros.

Terá quatro portas com altura de três metros e largura um metro e meio.

Terá quatro janelas com dois metros e vinte de altura e um metro e meio de largura; e além disso terá no pano do lado do nascente uma outra janela ao lado direito com metro e meio de altura e um metro de largura.

Terá quatro gateiras em sentido horizontal, duas do lado sul e duas do lado norte, rentes ao chão.

Não leva apilarados, mas tanto as janelas como os cunhais e toda a esquadria que dêva ficar à vista fica trabalhada a pico-fino.

O empreiteiro terá que fornecer e assentar todos os cunhais e assentar toda a esquadria ao preço da braça, sujeito em tudo às condições acima expostas e mais às seguintes:

1.º Trará todo o seu pessoal no seguro ou assumirá por documento legal toda a responsabilidade relativa aos desastres no trabalho.

2.º Cada empreiteiro apresentará em carta fechada até ao dia do corrente mês de Dezembro de 1936, apresentará dois orçamentos, dizendo por quanto executa o trabalho de pedreiro suas condições e comprometendo-se a cortar toda a alvenaria; e dizendo noutro por quanto faz a obra postos os materiais de construção no local pela comissão. Estes orçamentos devem considerar-se valiosos por tempo de seis meses, e se dentro deste prazo se fechar contrato com a comissão, o orçamento fica a vigorar até à completa execussão da obra de pedreiro.

3.º O empreiteiro que contactar a obra, terá que apresentar à comissão no prazo de oito dias e por escrito todas as medidas da esquadria e as indicações que julgar convenientes para que ela seja executada nas condições do contrato.

A comissão tira em condição que toda a pedra trabalhada ou não que ela forneça por fora do tratado, será avaliada e abatida no acto do pagamento; e tira também em condição que qualquer alteração para mais ou para menos que se pretenda fazer, será abatida ou acrescida ao preço do contacto.

4.ª A obra de pedreiro será executada no prazo de quatro meses após a entrega ao empreiteiro, que será feita de boca e escrita em papel assinado por ambas as partes contractantes.

Se o empreiteiro por culpa sua não cumprir o tratado como fica exposto ou não o cumprir no prazo marcado, perderá o direito a receber um por cento por cada dia de trabalho que passe além do dia em que a obra devia estar terminada. (1)

Nota — Qualquer outra condição que os empreiteiros julgarem vantajosas, é favor lembra-la por escrito quando apresentar o seu orçamento.

S. Romão da Ucha, 6 de Dezembro de 1936.
A Comissão

(1) Pagamentos.

5.º O pagamento faz-se aos Domingos, apòs a missa de manhã, depois de fiscalizada e medida a obra feita, ficando em atrazo até ao fim da obra o valor de duas braças de parede.

Os cunhais serão medidos, um por fora e outro por dentro.

Conta para a obra do Salão

Comprometo-me a construir as paredes pela quantia de 19\$00 cada braça com os cunhais para cobrir, e com os cunhais á vista feitos a pico fino faço pela quantia de 20\$00 escudos cada braça.

A esquadria das portas e janelas será feita ao preço de 70 centavos cada palmo a pico fino e esquina a cinzel.

Comprometo-me a cumprir as condições indicadas no papel.

S. Romão da Ucha 1 de Janeiro de 1937
António Fernandes

Custo da obra de pedreiro.

Pagou-se ao António Rita, 2.353\$00.

Ao Alfredo — fornecimento de pedra 717\$00
 Várias despesas de carretos e do saibo 215\$00
 Total 3.285\$00

Programa da festa da inauguração do Salão em 19-11-1939

1.^a Parte

Credo cantado

Apoteose à Cruz *pelas Juventudes*. Cântico Glória a Cristo-Rei. Recepção e abertura *Pelo pároco*. Poesia da Consagração *por José Gonçalves de Macedo*. Discurso por Antero Gomes Rebelo. Nossa Victoria, Poesia por Júlio da Silva. Cântico à luz do sol. Discurso pela Presidente Julita. A lampada do Sacrário, Poesia por Emília Gonçalves de Macedo. A Cristo Redentor poesia por António Gonçalves de Macedo. Amo-te ó Cruz *por Constantino M. Sousa*. Somos Soldados da Cruz *por Zacarias Oliveira Macedo*. Cântico Sentido à voz de Cristo. Discurso do sr. Cónego Martins Gonçalves. Cântico a aurora já se levanta.

2.^a parte

Tempestade

Mãe, Albina da Costa Magalhães.
 Filha, Maria Amélia da Silva Graça.
 Juventude Agrária Católica Feminina por Maria Fernandes.

Sou Jocista por Maria Gonçalves de Macedo.
 Cântico Alvorada.

Ser benjamina *por Maria Amélia da Silva Graça*
 Somos benjamins *por Lucinda de Sousa*. Cântico *Somos de Cristo*.

Ser Cruzado Por Januário. Fé esperança e Caridade por António Magalhães. Somos flores pequeninas por Fernando da Silva. Graça. Cântico.

Do Diário do Minho de 30-1-1939
Em S. Romão da Ucha

A juventude católica de S. Romão da Ucha levou a efeito no dia 19 de Novembro uma luzida festividade em que o febril entusiasmo dos nossos rapazes aliado ao sacrifício e a uma sólida piedade mostrou à maravilha a generosidade da Juventude e mesmo o seu amor pelas coisas belas e santas da nossa religião quando são bem orientadas e instruídas.

Constou esta festividade, realizada pelos organismos da Acção Católica desta freguesia, de piedosas práticas religiosas. É muito louvável que em todas as nossas festas de Juventude nunca se omita no programa uma parte religiosa para exercitar e solidificar a vida de piedade dos nossos rapazes e donzelas.

Vieram assistir a esta brilhante festividade, prestando com a sua honrosa presença um grande apoio moral, as Juventudes Católicas Masculinas das freguesias vizinhas que se fizeram acompanhar dos seus respectivos assistentes.

Agrada-nos sempre muito esta delicada cordealidade dos rapazes das nossas secções e praza a Deus que em breve tempo acenda neste amor e sublime ideal todos os homens.

Depois da parte religiosa, seguiu-se a deslumbrante festa da Inauguração do Salão das Juventudes, com a solene e pomposa Entronização do Crucifixo, neste salão, e agora os rapazes de S. Romão da Ucha, têm uma séde para as suas reuniões de vida da secção, para as festas e para se reunirem aí em agradável camaradagem nos legítimos momentos de ócio a que o corpo tem direito. Para a vida duma secção require-se indeclinavelmente uma séde e a vida desta secção será

tanto mais intensa quanto mais a séde satisfazer as necessidades próprias destes núcleos.

Aí ficam os rapazes da Ucha com uma boa séde, onde certamente se reunirão muitas vezes nas reuniões de estudo ou em sessões de festa dirigindo sempre todos os seus actos por que se restaure a sociedade em Portugal na fé dos Portugueses de antanho. Lá têm o cruxifixo a dizer a estas almas sempre prontas e generosas, que sem abnegação, sacrifício e caridade, não há honra na vida, nem paz na consciência, nem glória... no céu.

Passou-se depois à Campanha da Família que não desmerecem em nada do esplendor com que tantas outras freguesias já o fizeram, antes pelo contrário parece-nos assistir a um movimento sempre crescente de salutar interesse pela família e de sumo e louvável apreço pelo «Grande Sacramento» do matrimónio.

Antes desta brilhante sessão cantou-se o credo. Houve depois a Apoteose à Cruz que arrebatou por momentos a multidão que se comprimia impacientemente por observar de perto tão empolgante manifestação de fé. Depois do cântico «Glória a Deus» usou da palavra o Rev. Pároco que em palavras simples mas muito expressivas pôs todo o povo ao corrente da solene sessão que se ia iniciar.

Vários rapazes da Juventude recitaram poesias que todo o povo ouviu com agrado não sendo avaro nas suas ovações finais.

E entre cânticos, poesias e discursos, chegamos ao momento em que se levanta o Assitente Arquidiocesano da J. C. P. o Il.mo e Rev.mo Senhor Cónego Dr. José Martins Gonçalves que, como é seu peculiar dom, arrebatou por momentos toda a assembleia, distribuindo a mãos largas muito salutares ensinamentos. Na segunda parte, desta sessão, ocupou lugar preponderante a J. C. F. desta freguesia que se portou galhardamente e ultrapassou a expectativa de toda a assembleia.

No final todos retiraram levando profundas saudades de tão cativante festa que tantos cuidados deu mas que foi bem executada. — Parabéns aos organizadores desta festa, parabéns aos que concorreram para que a Juventude tivesse uma séde própria, mas parabéns sobretudo ao bondoso pároco que tão sabiamente conduz o seu rebanho.

Nota: na pasta que comprei para o Arquivo do Salão, está escrito por sua própria mão, o discurso que o sr. P. Bacelar fez na inauguração deste salão.

Está a lista das esmolas.

Ele, o sr. P. José Joaquim da Silva Bacelar, deu além do seu dinheiro, o melhor que tinha, o seu coração.

Por tudo isso, o seu retrato, que o Povo colocou depois da sua morte, no mesmo salão, ainda hoje é testemunha duma piedade filial.

Neste dia, 20-7-1965, em que estou a escrever estas notas, peço, não uma oração por sua alma, que penso já deve estar na Glória, mas de qualquer forma peço, ao meu saudoso antecessor que em pequeno conheci como o grande amigo das criancinhas, rogue a Deus, para que o Salão continue a ser sempre um complemento da Igreja.

Confraria de S. Romão

Pelos Estatutos de 1749 se vê ser a Confraria muito antiga, pois uma das causas dos novos estatutos é que sendo tão velhos já não se podiam ler.

Por eles se vê também que a festa do padroeiro é de facto no dia 18 de Novembro.

Foram reformados em 1826, reduzindo os bens de Almas dos irmãos.

A confraria teve numerosos irmãos na freguesia e nas outras terras; por exemplo o livro de 1789 menciona na freguesia de Oliveira uns 20; na do Salvador da Lama uns 13; na de S. Vicente de Areias uns

6; em Manhente, uns 2; em S. Martinho de Alvito tinha 2; na de S. Maria de Galegos tinha 3; na freguesia da Pousa tinha 5; em Cabreiros, tinha 1; na freguesia de Vilaça, tinha 1; em Barcelos, tinha 3; em S. Eulália de Cabanelas, tinha 26; na freguesia de Prado, tinha 1; na freguesia de S. Gens, tinha 7; na freguesia de S. Marinha—deve ser Oleiros—tinha 3; na Lage, tinha 1; na freguesia de Salvador de Cervães, tinha 40; em S. Mamede de Escariz, 3; na freguesia da Graça, tinha 3; na freguesia de S. Paio, tinha 6; em Ferreiros tinha 1; na cidade de Braga tinha 12; em Parada de Tibães, tinha 3.

Os Livros que chegaram até nós, desta Confraria são muito úteis para a história das famílias da freguesia.

Confraria de grandes tradições teve o seu ocaso no ano de 1904.

Leio no final do último Livro, escrito com tristeza:

«Auto de cabamento aos 7 dias do mês de Julho do ano de 1904 quatro foi entregue em o Concelho de Barcelos os títulos dos dinheiros os estatutos tudo quanto pesou a Confraria e por isso ser verdade declaro isto porque foi por não haver irmão da dita Confraria que quisesse tomar conta.»

Diz que foi feita a eleição como de costume em 1902, mas o escolhido a seguir deixou a confraria.

No ano de 1903 o responsápel só em Abril seguinte é que disse que não servia.

Palavras finais do Livro: «e como os Tesoureiros já tinha feito duas eleições dicerão as autoridades que não havia quem tomasse conta; eles mandarão que se não houvesse 14 ermans e que algum quisesse tomar conta eles tomariam conta como assim aconteceu».

Se a confraria ficou assim apagada o Culto do Mártir S. Romão cada vez é mais vivo.

As missas no seu dia são frequentadas como ao Domingo e os habitantes da terra guardam feriado.

Para Glória do Glorioso Padroeiro que é Patrono de numerosas comunidades paroquiais, no final deste livro será contada a sua vida como vem no Flos Sanctorum.

Subsino

Existe um «Livro para as Contas de Recibo e despesas da Confraria do Subsino da freguesia de S. Romão da Ucha do termo de Prado desta comarca.» com a data: Braga, 17 de Maio de 1823.

Ao fim das contas de 1822 diz:

«Certifico, e jurarei, in fide que os juizes do Subsino, que serviram nesta freguesia em o ano próximo passado. António Roiz. e António de Oliveira deram cumprimentos às obrigações do seu ano de clamores, e rezadas, e de uma Missa semanária, a que esta freg.a é obrigada, assim como a quatro Missas pela alma de um único confrade que neste ano faleceu, segundo os Estatutos da Confraria; e fico pago de todos os respectivos emolumentos, que me são devidos.

S. Romão da Ucha 29 de Maio de 1823 três.

O abb.e António José da Costa e Silva.»

Nota: actualizei a escrita.

Tinha grandes obrigações para com a igreja.

Hoje: o tesoureiro da Junta ainda recebe uns anuais, no dia da entrega da Cruz ou seja do Cabido que é no primeiro Domingo de Janeiro, para conservação do Cemitério.

Os que pertencem têm sepultura de graça.

Os mordomos da Cruz, mandam tocar o sino, servem sempre que seja preciso a Cruz ou Caldeira e ajudam à limpeza da igreja.

Nesta freguesia todos os casais têm honra em ao menos uma vez servirem a Cruz, o que é bom sinal e exemplo.

Corporação Fabriqueira Paroquial da freguesia

Os estatutos têm a data de 1-12-1926.

Direcção: Abade António Gomes da Costa.

António Joaquim Gomes de Macedo.

António Joaquim Gomes de Araújo.

Foram portanto estes os primeiros membros.

O sr. Governador Civil de Braga, diz nos mesmos estatutos:

Recebi o duplicado apresentado pelo Prelado da Diocese.

Governador Civil de Braga 29 de Dezembro de 1926.

O secretário Geral: letra irreconhecível com o carimbo.

O sr. Dr. Francisco José Monteiro Torres em 30-12-1933, na sacristia da igreja paroquial, por parte do Govenio, faz entrega e posse a esta Fabriqueira, dos seguintes bens: A Igreja Paroquial e Capelas Públicas com as suas Dependências, Adros, Torre e sinos e objectos do Culto.

A capela, ou seja a igreja velha, e seus Adros foi entregue por documento passado em 3-4-1941 com tudo que continha.

Em 24-8-1938 com autorização do sr. Arcebispo, entrou como associado o sr. Adolfo Gomes Rebelo, que até à morte, ocorrida em 14-3-1978 foi sempre um bom auxiliar nesta igreja servindo-a com amor. Bem haja.

Praticamente todos serviram até à morte.

No dia 9-3-1976 o sr. Dom Manuel, Bispo Auxiliar confirmou em nome do sr. Arcebispo, D. Francisco Maria da Silva, a nova Mêsa composta assim :

Presidente: Padre Hélio Gomes Ribeiro.

Secretário: José Martins de Oliveira

Tesoureiro: Júlio Costa de Faria.

A todos que vivem com entusiasmo os problemas da sua paróquia, um afectuoso agradecimento.

Confraria do Santíssimo

Os primeiros estatutos que conheço são de 1-12-1924.

A comissão organizadora foi:

Júlio Fernandes da Costa, António Joaquim Gomes de Macedo, Alfredo José Gonçalves, António Joaquim de Araújo, Joaquim da Costa Macedo Leonardo Gaspar da Costa, Abade António Gomes da Costa.

Foram aprovados por o sr. Arcebispo, D. Manuel a 14-1-1925.

Segundos estatutos:

Em 17-4-1938 foram feitos estes segundos estatutos.

Foram aprovados por Provisão do Sr. Arcebispo Primaz a 28-10-1938; sendo Juiz António Gonçalves Salgueiro, Secretário: Constantino de Azevedo e Sousa. Tesoureiro: António Joaquim Gomes de Macedo.

Vogais: Álvaro Gaspar da Costa.
Antero Gomes Rebelo.

O pároco era o sr. abade Bacelar.

Entre outros encargos, a Confraria, olha pelo Culto e Conservação da Igreja e Residência Paroquial.

Esta Confraria está em plena actividade para bem de todos.

Neste momento é Juiz: José Fernandes da Costa.

Tesoureiro: Domingos Rodrigues de Macedo.

Apostolado da Oração

O arquivo do Secretariado do Apostolado da Oração em Braga, descreve assim:

O Centro da Ucha foi fundado de 1908. Esta data não era conhecida neste Secretariado do A. da O.

Depois decaiu e foi necessário restaurá-lo em 13-4-1931, como tem o «Mensageiro», do mesmo ano, p. 769.

Actualmente é um centro próspero e fervoroso.

Habitantes: 960.

Associados: 1.º grau: 785

Associados: 2.º grau: 455

Associados: 3.º grau: 155 «C. Reparadora»

Comunhões fora da desobriga: 8000

Os diplomas existentes nesta igreja têm a data de 27-3-1931 e dizem que foi fundado nessa data.

Relatório do A. da O. na A. de Braga, ano 1935-1936

Ucha (S. Romão). — Director e Presidente de zeladores: P. José Joaquim da Silva Bacelar Júnior. Secretário: Constantino Azevedo e Sousa. Tesoureiro: Manuel Nogueira Coelho. Presidente de zeladoras Rosa Martins Ribeiro. Secretária: Laurinda Moutinho da Silva Graça. Tesoureira: Maria Emília Gomes de Macedo.

Tem este centro promovido, todos os anos sem excepção o tríduo e a festa do Sagrado Coração de Jesus, que nos derradeiros anos se tem realizado com visível piedade e notável solenidade, dando em resultado assinalados frutos de regeneração social e aumento de piedade, que Deus há-de abençoar e aumentar mais. Por proposta do Rev. Director, levou este centro a efeito no corrente ano a solenidade das «Quarenta Horas» que

decorreu com pompa e rigor lutúrgico, e deixou na multidão dos fieis as melhores impressões. Devido, eu creio, à circunstância de o orador ser absolutamente cego, e à eloquencia da sua pregação e bom exemplo, parece que foi mais notável o bom fruto desta solenidade. que nunca aqui se havia realizado e que agradou tanto ao povo, que muitas pessoas chegaram a pedir que viesse sempre pregar o «ceguinho» e as Quarenta Horas se realizassem todos os anos, o que esperamos se há-de conseguir. Vem a propósito neste momento exarar um voto de louvor ao Rev. Snr. abade desta freguesia P. António Gomes da Costa, pelo muito que fez em favor desta Associação, promovendo a sua reorganização e restauração em Abril de 1931; a consagração das famílias ao S. C. de J., e a fundação da C. E. das Crianças que está muito fervorosa. Envio para a impressão do Relatório a quantia de 10\$00. O Director local.

Nesta ocasião tem uns 1000 associados; 30 zeladores e 250 famílias consagradas.

Este centro é um grande baluarte de fé, nesta freguesia: manda celebrar as missas das primeiras Sextas-Feiras, missa por falecimento de cada irmão e dá a sua ajuda material para as despesas com as pregações anuais.

Associação da Doutrina Cristã

«D. Manuel Vieira de Matos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, Assistente ao Sólido Pontifício, etc.

Fazemos saber que a Associação da Doutrina cristã estabelecida, segundo as normas canónicas na freguesia de S. Romão da Ucha arciprestado de Barcelos foi por Nós aprovada e assim agregada à Associação Central da Doutrina Cristã desta Arquidiocese de

Braga, gozando de todas as faculdades, indulgências, graças espirituais e privilégios, como se directamente o tivessem sido à Arquiconfraria da Doutrina Cristã instituída em Roma pelo Pontífice Paulo V, em 1607, reformada e aprovada pelo Sumo Pontífice Pio X, por Letras Apostólicas em forma de Breve de 5 de Dezembro de 1905.

E para constar foi passado este diploma.

Braga, 17 de Abril de 1931.»

Conferência de S. Vicente de Paulo

Em 24 de Fevereiro de 1963, foi convocada uma reunião no Salão Paroquial, sendo convidados todos os Organismos da Acção Católica e toda a gente que desejasse assistir.

Esteve presente também o sr. Silvino Martins da freguesia de Areias, S. Vicente, digníssimo Presidente do Concelho Particular de Barcelos das Conferência masculina de homens.

Com a aprovação e contentamento do sr. Silvino Martins, que deu toda a sua vida aos pobres, e do pároco, P. Hélio Gomes Ribeiro, que há muito desejava ver esta realidade, por unanimidade foi logo escolhida uma direcção composta pelos senhores:

José Maria da Mota Oliveira, presidente; António da Costa Magalhães, secretário; Manuel Fernandes da Silva, tesoureiro.

Foi resolvido que a reunião samanal se fizesse no mesmo salão paroquial.

Imagem de S. Vicente de Paulo

Foi encomendada à Casa Victor Mendes de Braga e foi feita de madeira de cedro brasileiro ficando com a cor natural.

Bênção da imagem :

Aproveitando a primeira visita do sr. D. Ernesto Gonçalves Costa a este freguesia, de onde é natural, como Bispo de Inhambane, a freguesia recebeu-o com

todo o esplendor desde Cruto até à igreja. Foi uma grande festa em que houve crisma, sobretudo das juventudes, não só desta Terra, como da freguesia do Divino Salvador da Lama, de quem era pastor também o nosso pároco.

No fim das cerimónias da igreja ao passar pela sacristia o nosso pároco pediu ao sr. D. Ernesto que se dignasse benzer a imagem que acabava de ser adquirida.

Era ao princípio da tarde desse memorável dia de 18-8-1963.

Aprovação

Carta de Agregação à Sociedade de São Vicente de Paulo. Paris, 9 de Maio de 1965.

Senhor e caro confrade.

Fomos encarregados pelo Concelho Geral de vos comunicar que, na Sessão de 3 de Maio de 1965 promoveu a agregação à Sociedade da Conferência de S. Romão, freguesia de Ucha.»

Assim começa o Diploma escrito em português e francês que contém várias recomendações na escolha de irmãos.

Fazem parte actualmente da direcção, como presidente, o sr. Júlio Gaspar da Costa; tesoureiro, António da Costa Magalhães; secretário, Manuel Fernandes da Silva.

Nossa Senhora da Assunção do Facho

Em 1940, para ficar como recordação da fundação e restauração de Portugal, o clero, desta zona pastoral, resolveu implantar um Cruzeiro Monumento na citânia do Facho.

Era um lugar de grandes recordações, para o sr. Reitor de Oliveira. Em 1941 o temporal de Fevereiro destruiu-o.

Então pensaram num cruzeiro em forma de pirâmide como está actualmente. Como o povo acorresse em grande multidão o mesmo clero viu que seria de imensa utilidade a construção duma ermida em honra de Nossa Senhora.

Foi o sr. abade da Lama P. José Victor Gomes da Costa, natural desta freguesia da Ucha, que com o seu entusiasmo e conselhos conseguiu levar o sr. P. Benjamim Ferreira, reitor da dita freguesia de Oliveira a lançar-se na construção de tão grandioso templo à custa das suas economias.

Desde então, começaram as Peregrinações, que de ano para ano crescem, em número e piedade.

Tenente do Facho

A citânia, que está a ser estudada convenientemente trará revelações interessantes, foi título honroso na ordem militar e por ser útil para a história de Prado, a cujo concelho pertencemos em tempos não muito distantes, insere-se a seguir, uma cópia dum documento do Tenente do Facho, cujo titular era desta freguesia de S. Romão da Ucha.

Tenente do Facho

Publica Forma

António Hypolito, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, do Concelho de Sua Magestade, Comendador das Ordens Militares de São Bento de Aviz, Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da Torre e Espada. Condecorado com as Medalhas das Batalhas de Victoria, Pyrenneos, e Nice Cruz de Campanha Número quinto, Medalha pela Batalha de Victoria, com distinctivos da dos Pyrenneos e Nice concedida por Sua Magestade Britânica, a Cruz da distinção pelas Batalhas d'Albuera, Victoria, São Marcial, concedidas por Sua Magestade

Cattolica. Tinente General dos Reais Exércitos, e Encarregado do Governo das Armas da Provincia do Minho.

Por quanto se acha vago o Posto de Tenente do Facho da Serra de Oliveira, do distrito de Prado, pertencente a Seista Brigada d'Ordenanças; e convindo provelo em pessoa de merecimento, e prestimo, e constando-me as qualidades que concorrem na pessoa de Francisco José de Macedo, da freguesia de São Romão da Ucha, para bem desempenhar as obrigações respectivas: hei por bem de o nomiar, como por esta o nomeio por Tinente do Facho da referida Serra de Oliveira, para conresponder com os que lhe ficam ao Norte, Sul, cujo Posto servirá em quanto bem comprir com as suas obrigações, e não Superior Ordem em contrário, e com elle haverá as izenções e franquezas que directamente lhe pertencem, pelo que ordeno ao Comandante das Ordenanças do respectivo distrito, que fazendo-lhe dar posse do ditto Posto, Jurando primeiro de satisfazer às suas obrigações o deixe servir e exercitar, e os mais Officiaes o tenham, e reconheçam como tal Tinente do Facho, e as pessoas que lhe forem subordinadas cumpram, e guardem suas ordens em tudo que tocar ao Real Serviço, tão inteiramente como devem, e são obrigados: e esta será registada no Livro da Câmara respectiva. Dado neste Quartel General em Braga aos três de Maio de mil oito centos vinte oito «António Hypolito Costa Tinente General Governador» Patente que por Vossa Excelência há por bem nomear no Posto de Tenente do Facho da Serra d'Oliveira, ditricto de Prado a Francisco José de Macedo como a cima se declara «Para Vossa Excelência ver Por despacho de tres de Maio de mil oito centos vinte oito» Felix da Rocha Paris Araújo, Official da Secretaria do Governo das Armas a fez escrever «Secretária do Governo das Armas quatro de Maio de mil oito centos vinte oito» Felix da Rocha Paris Araújo «Registada no Livro competente a folha setenta e quatro verso» .Paris Araújo-

jo». Cumpra-se e de se lhe juramento e posse. Quartel de sette de Maio de mil oitto centos vinte oitto» Almeida Pereira, Comandante da Brigada

Juramento

Aos dez de Maio de mil oitto centos vinte e oitto annos nestta Vila de Prado e Caza do Paço do Conselho dessa que serve de Caza da Câmara onde eu Escrivão vim com o Illustríssimo António da Gama Castro Pereira Sequeira Cappitão Mor desta Villa e seu termo, por Mercê de Sua Magestade Fedelíssima que Deos Guarde e para effeito de dar Juramento, de Tenente do Facho, a Francisco José de Macedo da freguesia de São Romão da Ucha deste termo, na Conformidade da Patente retro, o qual sendo presente e meu reconhecimento de que dou fé e ele Illustríssimo Cappitão Mor Referido o juramento dos Santos Evangelhos informa devida em um Livro desses em que pos sua mão direita e lhe encarregou e mandou que na forma Ordenada na mesma Patente satisfizesse as suas obrigaçoens em quanto servir o ditto posto: E recebendo ele o ditto juramento assim o prometeu cumprir, e desta fiz este termo que assignarão lido por mim António José d'Oliveira Lima Castro Pereira Sequeira» Capitão Mor «António José de Oliveira Lima» Escrivão da Câmara que a escrevi «António da Gama» Francisco José de Macedo.

Poce

Saibam quantos este publico Instrumento de posse Judicial ou como em Direito melhor lugar haja e mais valido seja virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitto centos annos aos honze dias do Mês de Maio de ditto anno nesta Caza de Fontainha, que he do Illustríssimo António da Gama Castro Pereira Cappitão Mor desta Villa de Prado e seu Termo, onde eu Escrivão vim, para effeito de dar posse ao

Tinente do Facho digo ao Tinente Francisco José de Macedo do posto de Tinente do Facho por virtude da Patente retro, sendo ai presentes os Officiaes das Ordenanças deste Districto lhe foi lida a Patente com empossa do Francisco José de Macedo, para que o tenham e reconheção como tal por Tinente do Facho deste districto ao qual ouve por empossado no ditto posto e de tudo fiz este Autto instrumento sendo presentes por testemunhas Leonardo de Gouveia Mestre Escola desta Villa, e José Luiz de Castro, pentieiro, que assignarão com o empossado, lido por mim António José de Oliveira Lima Escrivão da Câmara que o escrevi «António José de Oliveira Lima» Gama «Cappitão Mõr» «Francisco José de Macedo José Luiz de Castro «Leonardo da Gouvêa»

Registado no Livro do Registo da Câmara a folha cento sincoenta e três verso. Prado quatorze de Maio de mil oitto centos vinte oitto «O Escrivão da Câmara» António Jose de Oliveira Lima.

Nada se continha mais em Patenta, e Registo que aqui fiz tras ladar fielmente, e o consignasse repostado em poder do próprio Tenente e quem aquiescei e ele assignou de como recebeo; e eu António José de Oliveira Lima Tabellão Porpenetário de um dos Officiaes do Público Judecial e Notta nesta Villa de Prado e seu Termo com Sua Real Magestade Fedelíssima El Rei Nosso Senhor que Deos, Guarde o subscrevi e reduzi forma, nesta Villa de Prado.

S. Romão em 1978

Tem 320 fogos, repartidos pelos lugares de Areosa, Assento, Bairros, Bouça, Cabo, Codracheira, Crasto, Cruto, Fortes, Gandrachão, Macedo, Medela, Montinho, Paraneira, Quintão, Rego, Sobreiro, Terroselo, Torre e Vieiros.

Habitantes: 1300 estando na emigração uns 200.

Escolas: um edifício com 2 salas e em construção outro com 6 salas, ambos no lugar de Gandrachão.

Farmácia «Silva Graça» no lugar da Bouça.

Casa de comércio de fazendas e miudezas «Casa Constantino» no lugar de Gandrachão.

Duas pensões, uma, no lugar de Crasto, pertencente ao sr. Arlindo Martins Oliveira e a outra, em Gandrachão, do sr. António da Costa Magalhães onde se servem boas comidas regionais e não só. É experimentar que é fácil.

Nestas pensões servem também um delicioso café.

Cinco mercearias: duas em Grandrachão, uma na Areosa, outra no Cruto e em Quintão.

Faz-se aqui a linda louça de barro grosso, cântaros, púcaros e as formas de pão de ló e seus proprietários têm habilidade para executarem qualquer outro trabalho que lhe encomendem.

Há marcenarias em género de artesanato donde saem objectos de arte como torneiras e várias peças de mobília.

Na fábrica «Cerâmica da Ucha, no lugar do Rego sai tijolo para todo Portugal.

Na Rainha do Cávado e Textil Montalto confeccionam-se várias peças de roupa em quantidade para o estrangeiro.

Há também construtores civis como a firma Clara de sr. António Luiz Pereira, no lugar de Vieiros.

Há ainda um carro de aluguer do sr. Delfim Rodrigues Mota do lugar de Quintão, mas com praça no centro da freguesia.

Desporto da Ucha

O desporto na nossa freguesia é um dos pontos de união entre todos os habitantes desta terra.

Para dar um panorama geral do desenvolvimento do desporto aqui temos a salientar que a prática principal foi e é o futebol.

O primeiro campo de futebol foi no Barreiro perto de Cruto, depois seguiu o campo do Areal ou da Beira do rio, seguidamente apareceu o campo do Montalto onde hoje existe um complexo industrial de confecções, quando desapareceu este campo surgiu o da Areosa ali junto ao lugar da Torre, este campo serviu por muitos anos de palco de grandes jogos que ainda hoje muitos recordam com saudade e foi com grande pena que este desapareceu nos nossos dias para se tornar um campo de batatas e vinho.

Durante vários anos nunca mais tivemos campo de futebol e quando alguém resolvia organizar uma equipa que defendesse a nossa terra tinha-se de recorrer aos campos das freguesias vizinhas.

Dado a grande modificação e desenvolvimento desta terra pensou-se arranjar um campo de futebol que fosse nosso e então a ideia começou a tornar-se cada vez mais realidade dado o grande contributo que o sr. Pinheiro, um homem de fora da terra mais propriamente de Rebordões, Santo Tirso, deu ao adquirir uns terrenos no lugar de Tamanca e que cedeu gratuitamente por vários anos para a construção do

actual campo de futebol. Foram muitos os sacrifícios para a sua construção várias pessoas de fora da terra ofereceram os seus serviços em especial o sr. Domingos Ribeiro Sena que durante muito tempo deixou a sua máquina de terraplanagem trabalhar gratuitamente no campo.

Muitos mais homens poderiam aqui ser lembrados mas dado que tornaria esta pequena resenha muito extensa e talvez menos agradável, aqui ficam as nossas desculpas.

Depois do campo se tornar uma realidade havia que adquiri-lo para não se tornar a perder e assim um grupo de pessoas comprou todo o terreno vendendo em seguida o campo à freguesia. Entretanto a equipa representativa da terra o S. C. de Ucha por vontade exposta dos sócios resolveu filiar-se na Associação de futebol de Braga e participar no campeonato de futebol da 3.^a divisão regional de Braga, portanto isso na época 77/78, tendo a nossa equipa chegado à fase final, fazendo uma estreia muito honrosa nestas épocas futebolísticas.

Além do futebol também existe uma equipa de ciclismo «A CARPA» que participou em várias provas federadas, também chegou a praticar o atletismo mas dado o pouco apoio, pouca sobrevivência teve.

Deve-se salientar que um dos homens mais impugnadores do futebol e que participou na construção de todos estes campos foi o sr. Álvaro Gaspar da Costa.

S. Romão e a sua Agricultura

Como o solo é na generalidade pobre composto de barro pizôrco e, por vezes, com pedra miúda a lavoura teve de se desenvolver à custa de penoso trabalho.

Devido ao esforço gigantesco de gerações passadas as terras desta freguesia produzem de tudo.

Há as grandes vinhas que produzem bom vinho.

Grandes pomares modernos em desenvolvimento.

Continuam vários campos com bons milharais.

A pecuária está a aumentar com um posto de ordenha.

Duas boas explorações de Lúpulo pelas Casas «Sobreiro e da Eira» pertencentes aos sr. Júlio Gaspar da Costa e João Correia Neiva Pinheiro que as dirigem e trabalham.

Um aviário em grande escala na mesma Casa «Sobreiro».

Grande alambique moderno na casa «da Eira» onde se produz o célebre bagaço, água que passarinho não bebe.

Ao lado, todos os agricultores a quererem fazer mais e melhor. Tentativas e já proveito dos que foram à água ao Cávado, se a chuva não vem a tempo, tractores, alfaias agrícolas, que se mais não têm, é por faltar aquilo com que em Barcelos se compram os melões, que os da Pousa, eram os melhores.

Felizes todos quantos trabalhando nos campos dão de comer e beber a quem os não sabe estimar.

Vidas simples em grandes almas.

A função cultural e social da escola

Neste pequeno capítulo em que é minha intenção dar uma resenha, embora breve, do estado em que se encontra a cultura na Ucha e que caminhos pode tomar, gostava de salientar o papel desempenhado pela Ucha, já lá vão uns anos, como centro de irradiação do ensino e lógicamente da cultura na própria freguesia e nas freguesias vizinhas. Claro que quando falo em termos do passado refiro-me ao ensino primário. Sabemos que o analfabetismo em Portugal é uma realidade não nas gerações que estão a crescer. mas isso sim, nos adultos.

A Ucha, nessa altura, tinha o seu centro de ensino montado no lugar de Macedo. Neste local nasceram

muitas gerações que deram à Pátria Homens de valor sobretudo na advocacia e no sacerdócio.

Com as novas escolas o centro de ensino passou para Gandrachão.

Hoje a Ucha está relativamente bem sortida de edifícios escolares, em função da sua população.

Há dois complexos, tendo no conjunto oito salas, funcionando permanentemente com o ensino primário e com a telescola.

A telescola, foi introduzida na Ucha no ano de 1971.

Foi um passo importante para o aumento da cultura. Também a telescola nos primeiros tempos albergou alunos de outras freguesias. Mas já que falo em telescola cabe-me ofertar uma palavra de reconhecimento à Junta de Freguesia de então em colaboração com o pároco que tudo fizeram para que o ensino pudesse ser facilitado a quantos desejassem.

Em nome dos escolares, obrigado.

O ensino primário tem registado um aumento de inscrições o que é bastante animador, mas pelo contrário a telescola assiste de ano para ano ao descrécimo dos seus alunos.

Talvez na origem da tal facto, se encontre uma má formação dos pais, para quem o ensino, não lhes diz nada, e é pena. Tenho conhecimento de alguns pais, que roubam o ensino aos seus filhos, na mira de amealhar alguns tostões, levando-os a trabalhar antes de atingirem a idade consignada na lei. É pena, pois podem estragar o futuro dos filhos. Após a telescola, pois aqueles que continuam e que hoje são muitos, dirigem-se normalmente para Barcelos e Braga.

Para fazermos ideia desse aumento expresso em percentagem direi que no ano de 1975, por exemplo, para não recorrer a anos anteriores a saída de alunos de telescola para outros edifícios cifrou-se na casa dos

vinte por cento; no ano de 1976 aumentou para oitenta por cento. Esse aumento só por si é elucidativo do crescer da população escolar na Ucha, que entende e muito bem que a cultura não é um fardo, mas é pelo contrário o enriquecimento da pessoa humana, quando bem orientado.

Com a criação recente dos Cursos superiores em Braga, o aumento ainda será maior.

Pessoas formadas da Ucha

Professoras Primárias:

D. Lucinda Macedo de Sousa, D. Maria de Lurdes Macedo de Sousa, D. Vitória da Costa Carreiras, D. Maria Adélia Ribeiro Martins, D. Maria Gonçalves Martins, Joaquim Gomes de Macedo.

Doutores em Letras:

João Evangelista Macedo de Sousa, Francisco de Macedo Ferreira, Ernesto da Costa Macedo, Júlio Amaral Magalhães, Maria Ernestina da Costa Neiva Pinheiro e António Amaral Magalhães.

Engenheiros Agrónomos

José Júlio Faria da Costa e António Martins Ferraz de Bairros.

Médicos:

Aurélio Ribeiro Mesquita, Adélio da Costa Neiva Pinheiro.

Advogado:

Fernando da Costa Neiva Pinheiro.

Professor Augusto de Oliveira Mendes.

Não nasceu neste freguesia, mas nela trabalhou e faleceu.

Nasceu em Areias S. Vicente, Barcelos e era casado com D. Maria da Assunção Rodrigues Torres.

Faleceu no lugar do Assento, aos sete de Novembro de 1956 e foi sepultado catolicamente, nesta freguesia, aos 8 do mesmo mês e ano.

A razão de ser comemorado aqui é esta:

Foi até á morte um grande educador.

Não só, os rapazes desta Terra passaram pelas suas mão, como os de todas as freguesias vizinhas, quando queriam fazer uma boa quarta classe.

Ele encaminhou para os estudos muitos dos que hoje têm um Curso. Formou homens para as letras e para todos os ramos quer na agricultura quer no comércio ou indústria.

Já o conheci alquebrado pelo trabalho.

O sr. professor Mendes, quanto todos lhe devem!

A sua memória não esquecerá nos corações dos seus alunos.

Disciplinador, era amigo de todos que o estimavam.

Homens destes, fazem falta em todas as freguesias.

Presto-lhe esta singela homenagem como pároco e em nome das boas famílias de S. Romão.

Paz à sua alma.

O Professor Mendes

(Visto por um seu aluno, Manuel de Jesus dos Santos Mesquita, distinto funcionário público aposentado.)

Convidado a redigir duas linhas sobre a pessoa do professor Mendes, que na Escola Primária da Ucha leccionou, para além de uma geração de filhos não só desta freguesia mas também das vizinhas, gostosamente acedi, por tal convite vir proporcionar a um seu

antigo aluno o ensejo de fazer justiça a uma figura lendária que soube transformar a arte do ensino em autêntico sacerdócio, até aos fins da sua vida.

Com imensa saudade evoco a figura ao mesmo tempo austera e afável do professor Mendes, ao qual não faltava também um agradável sentido de humor. Era austero quando se tratava de impor disciplina e exigir aproveitamento escolar aos seus pupilos, mas afável e generoso para compreender as suas carências.

De assiduidade e pontualidade inexcedíveis, era edificante vê-lo percorrer, a pé, alta madrugada, caminhos por vezes distantes e recobertos de geada em direcção à sua Escola.

Afigura-se-me pertinente falar dos resultados escolares obtidos através da sua longa e esforçada carreira.

Embora a tal respeito eu não possua dados concretos, é corrente afirmar-se que jamais algum dos seus alunos sofreu repovação em exames, facto que, a não ser inédito, é pelo menos, raro.

Não me parece despiciendo falar da plêiade de alunos saídos do seu magistério. A par dos que, deixada a escola, se radicaram na terra que lhes serviu de berço, vivência honrada, norteada pela instrução e educação recebidas, sim, porque o professor Mendes foi não só um bom mestre mas também um exemplar pedagogo, outros houve que, uma vez concluída a instrução primária, se lançaram em mais largos horizontes, o que lhes permitiu o enquadramento em outros escalões sociais ao serviço da Igreja e da Nação.

Seja-me permitido destacar as figuras de dois filhos insignes desta terra, meus queridos companheiros de infância.

São eles o actual Bispo da Algarve, D. Ernesto Gonçalves Costa e o Cónego Constantino Macedo de Sousa, radicado em Viana do Castelo. E para não me referir exclusivamente a figuras eclesiásticas é meu desejo trazer para aqui uma referência a um outro

conterrâneo, também companheiro e amigo de infância que, no campo industrial, realizou obra de nível nacional, com múltiplos empreendimentos das quais importa salientar a unidade Textil da Rainha do Cávado da Ucha de projecção para além fronteiras. que Alberto Macedo de Sousa idealizou, executou e pôs em marcha, com notório benefício para esta região.

Para finalizar, direi ser para mim duplamente consolador inserir estas linhas no respectivo trabalho de fundo.

Primeiro, porque me permitiu render modesta mas justíssima homenagem ao professor Augusto de Oliveira Mendes.

Segundo, por me ter sido dada oportunidade de colaborar numa iniciativa de quem, não sendo embora filho desta freguesia de S. Romão da Ucha, a pastoreia há mais de duas décadas com uma dedicação que todos os meus conterrâneos devem reconhecer com manifesta gratidão.

Padres nascidos nesta freguesia

Este título daria um grande e belo livro.

Fica a sugestão e pode ser que um dia alguém se resolva a fazer a obra.

A maior parte das famílias deram sacerdotes à Igreja e religiosas para os Conventos.

Só me propuz falar dos do século XX.

Não vou falar dos padres da Casa da Eira, entre os quais avulta o rv, P. Manuel Emílio Gomes da Costa, que fez parte da primeira comissão de sacerdotes para o levantamento do monumento no Sameiro, quando o célebre P. Martinho apresentou a ideia.

Não vou falar dos padres que deu a Casa Sobreiro, do P. Pedro José Fernandes Costa, de outros Costas mais antigos e nem sequer do querido e ainda hoje chorado sr. abade de Vila de Punhe, Viana do Castelo, P. José Júlio do Sobreiro. Ainda agora, em Vila de Punhe, no

fim das missas, ao Domingo, aquela boa gente vai rezar à campa do sr. Reitor pelo seu eterno descanso.

Não vou falar dos padres que deu a Casa Orfo deve ser Orfão, casa em que os abades desta Terra e Cabanelas se sentiam bem.

Não vou falar dos padres que deu a Casa Bairros, entre os quais se sobressai o rev. P. Manuel de Barros Rodrigues, que foi capelão na Santa Marta e ofereceu a esta igreja de S. Romão toda a madeira para a tribuna e trono no altar mor e penso que o Sacrário Cofre do Santíssimo.

Não vou falar dos padres da Casa Fraião, o último dos quais foi abade de S. Maria de Galegos.

Não falo ainda dos padres da Casa Carreiras da Torre o último dos quais foi abade de S. Martinho de Vila Frescaínha.

Há padres com a apelido Fortes, mas também não falarei deles.

Da Casa Gomes de Quintão, Casa André, Casa Fernandes, fiz referência ao grande benfeitor e que foi abade desta freguesia e faleceu quando era capelão de S. José em Barcelos. Dos outros, espero e há muitos com qualidades, que pensem nisso.

Ao chegar a este ponto, eu, não posso deixar de lembrar o rev. P. José Victor Gomes da Costa, nascido no lugar de Macedo, Casa da Eira em 9-4-1885, faleceu na freguesia da Lama, Barcelos, quando era o seu pároco em 20-5-1963.

Quanto progresso a Lama conheceu desde que ele começou a ser o seu pastor.

Escadórios, igreja restaurada, uma linda Torre — ainda sou do tempo que os de S. Romão para gozarem os da Lama, diziam que eles perderam a chave da Torre alusão aos sinos estarem numa parede em frente à igreja — é obra sua e do bom povo da Lama que sempre foi brioso.

Cemitério no seu lugar actual e Cruzeiro, tudo é do seu tempo. O salão paroquial é do seu tempo, mas

deve-se ao rv. Domingos Moutinho que o construiu à sua custa.

Feliz a Terra que tem filhos benfeitores como esta.

Podia continuar. Na morte do sr. P. Bacelar, olhou ele por a Ucha, na sua morte, Deus quis que fosse eu a tomar conta da Lama.

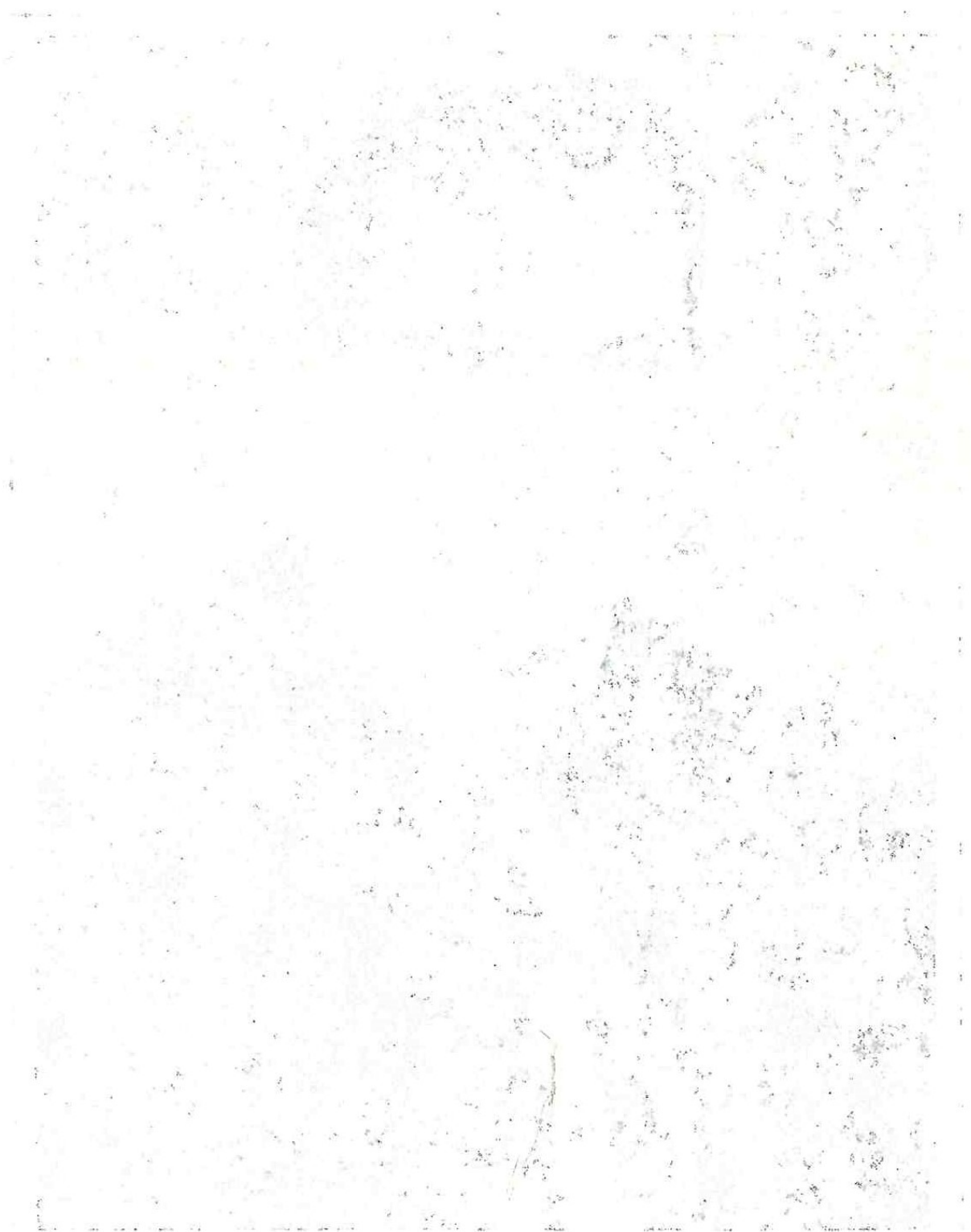
Jáz sepultado no Cemitério da Lama, pois queria ficar no meio dos seus que tanto amara.

Ao sr. P. Moutinho que é um grande amigo e à sua família, o meu sincero agradecimento.

Parabéns à Lama, na pessoa do seu bondoso e apostólico abade P. Armando Guimarães, das boas famílias de Riba de Ave.



D. Ernesto Gonçalves — Bispo de Faro



THE END OF THE WORLD

D. Ernesto Gonçalves da Costa, O. F. M.

1.º Bispo de Inhambane

Em 1962 criou a Santa Sé a diocese de Inhambane região onde os Missionários Franciscanos têm as mais florescentes Missões de Moçambique. Pouco depois foi nomeado o seu primeiro bispo, D. Ernesto Gonçalves da Costa.

Nasceu S. Ex. ma na freguesia de S. Romão da Ucha, do concelho de Barcelos, no dia 13 de Agosto de 1921. Em 1934 deu entrada no Colégio de Montariol, Braga, iniciando assim a sua preparação para a vida sacerdotal franciscana. No dia 3 de Outubro de 1939 recebeu o hábito e após o ano de noviciado em Tuy fez os votos temporários no dia de S. Francisco, ano de 1940.

Em Montariol cursou filosofia e os estudos teológicos realizou-os em Lisboa, no Seminário da Luz, onde recebeu a ordenação sacerdotal a 25 de Julho de 1946.

Desde sempre fora o seu desejo máximo o dedicar-se às Missões. Para Moçambique partiu em 1947. Como campo de acção foi-lhe destinada a paróquia e Missão de Nossa Senhora do Rosário, na cidade da Beira, primeiro como coadjutor, depois, desde 1954, como pároco. Aqui tomou contacto e se familiarizou com todos os problemas missionários. Além do trabalho estritamente paroquial dirigiu durante muitos anos a Rádio

Pax (Emissora Católica de Moçambique) e o semanário «O Domingo».

Sagrado Bispo de Inhambane nos fins de 1962, deu entrada solene na sua diocese nos primeiros dias de 1963. As suas qualidades de trabalho, de inteligência e de bondade, que na cidade da Beira tanto prestígio lhe ganjearam, hão-de fazer de S. Ex.^a Rev.ma estamos certos, um grande Bispo missionário, continuando assim a memória inesquecível dos dois saudosos bispos missionário franciscanos dos últimos tempos, memória que sempre recordamos com veneração: D. Rafael Maria da Assunção, Prelado de Moçambique, e D. Teófilo de Andrade, primeiro Bispo de Nampula.

D. Ernesto Gonçalves da Costa

No dia 8-12-1974, dia da Imaculada Conceição, teve a felicidade de sagrar e inaugurar a sua Catedral de Inhambane, obra arrojada na arquitectura, construída para o futuro, tendo várias vezes ido à América, pedir aos Católicos a sua oferta.

Nas horas difíceis, na passagem de Moçambique a nação independente, tomou como administrador a Arquidiocese de Lourenço Marques, continuando Bispo de Inhambane.

Estando a diocese da Beira, sem Bispo e com imensos problemas, a Santa Sé viu nele o salvador e nomeia-o Prelado dessa histórica diocese, Beira.

Dadas as circunstâncias políticas, era necessário e conveniente prover estas dioceses com clero nativo.

Aqui se releve o seu espírito de amor á Igreja e a inteligência de saber passar o Facho da Fé e retirar-se.

Pouco tempo teve para descansar um pouco, na terra natal.

Leio no Diário do Minho de 16-4-1977:

D. Ernesto foi nomeado Bispo de Faro.

A notícia enche de alegria a freguesia inteira.

No dia 22-5-1977 foi recebido com toda a amizade e carinho na diocese do Algarve, na catedral de Faro.

Lá esteve com o pároco uma delegação de S. Romão da Ucha.

Felizes os habitantes do Algarve por terem D. Ernesto como seu Pastor e Guia espiritual.

Mais felizes seus padres por terem no seu Superior, um coração a dar-se em amizade e simpatia.

E esta Terra de S. Romão da Ucha, em cuja igreja foi baptizado a 20-8-1921, está de parabéns por ter dado D. Ernesto.

Padre Cónego Constantino Macedo de Sousa

Nasceu em S. Romão da Ucha, em 5-4-1924, filho dos conceituados comerciantes, sr. Constantino Azevedo e Sousa e D. Teresa Correia de Macedo Sousa.

Foi baptizado nesta igreja no dia 30-4-1924, pelo pároco interino José Joaquim Gomes.

Ordenou-se de presbítero, no Paço Arquiepiscopal a 13-10-1946.

Celebrou a missa nova em S. Romão a 27-10-1946.

Foi professor e prefeito no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga, no ano lectivo de 1946-1947.

No ano seguinte é professor no Liceu de Viana do Castelo, tendo sido director do Colégio do Minho, que conseguiu passar para a Diocese.

Actualmente é pároco da Matriz e Sé de Viana do Castelo, além doutras numerosas obras que dirige.

Viana nunca mais pode esquecer a sua acção apostólica.

Casa dos Rapazes, Associação Nuno Álvares, ciganos, juventude, os pobres, os cidadãos com responsabilidades em Viana, são parte dos seus cuidados.

A organização e fundação da Diocese a que agora pertence deve-lhe imenso.

Sempre querido na sua terra natal é com pena que devido aos seus trabalhos o vemos poucas vezes.

Como jornalista é director do jornal de Viana passando-o para a Diocese e de semanário pobre transformou-se no que hoje se vê.

Seus irmãos, cunhados e familiares sentem-se honrados com os seus dotes e qualidades, pois também é contado entre os grandes oradores.

De família que se impôs pelo trabalho daqui um abraço para sua boa mãe e para todos quantos engrandeceram S. Romão um dos quais seu irmão Alberto Macedo e Sousa.

Padre João José Gomes de Macedo

Nasceu na casa de seus pais, no lugar de Quintão, e Casa de André, no dia 20-4-1928, filho de bons agricultores, o sr. António Joaquim Gomes de Macedo e D. Emília da Purificação Gomes de Araújo.

Foi baptizado nesta igreja por seu tio abade António Gomes da Costa no dia 29-4-1928.

Ordenou-se de Presbítero, em Braga, em 15-8-1954.

Nos anos de 1954-1956 foi coadjutor na vila de Fafe.

Em seguida entrou como pároco em Manhente, Barcelos, onde se conserva como reitor querido e amado por toda a gente, sobretudo pelos seus paroquianos para quem vive de coração e alma.

Sempre amigo dos colegas é o muito mais do seu pároco.

A freguesia nunca poderá esquecer o seu pai, sr. António de André a quem serviu na Fabriqueira desta igreja com todo o carinho e dedicação.

Família profundamente cristã esteve sempre ao lado dos seus párocos.

Seu querido pai, nunca faltava às devoções na igreja e com calma e paciência, os seus trabalhos apareciam feitos a tempos e horas.

P. Manuel de Macedo e Sousa irmão do sr. Cónego Constantino

Nasceu nesta freguesia em 11-9-1932.

Foi baptizado, nesta igreja, no dia 2-10-1932 pelo abade António Gomes da Costa.

Recebeu o Subdiaconado em 17-12-1955.

Foi ordenado de presbítero na Catedral de Braga em 15-8-1956.

Cantou a sua primeira missa, nesta mesma igreja, em 19-8-1956 com grande esplendor.

Neste mesmo ano foi nomeado para o Colégio do Minho, Viana do Castelo, tendo feito um bom trabalho como director.

Em 1961 sendo preciso capelães para o Exército Português é um dos primeiros a oferecer-se.

Faz duas comissões em Angola, tendo recebido dos seus superiores alguns louvores.

De volta é nomeado pároco da vila de Valença, tendo entrado na sua nova paróquia no dia 18-2-1966, dia de S. Teotónio.

Em Diário do Minho de 22-9-1967 vem a sua nomeação como arcipreste de Valença.

Resolve de novo servir a Pátria como capelão e segue para Moçambique, em Outubro de 1973, como capitão capelão, até à independência.

De regresso entra no quadro de capelães titulares da Força Aérea Portuguesa, e é colocado como capelão no Montijo e daí passa para a Ota onde também é pároco.

Entre todos, mas em especial no meio dos seus soldados, foi de uma dedicação total. Presente nas horas boas e nas difíceis.

Lá encontra os maiores amigos, pois o P. Manuel faz amigos.

Sempre gostou de trabalhar com jovens, está no seu meio.

S. Romão da Ucha

Carências e dificuldades

Passa pelo centro da freguesia a estrada nacional n.º 205, mas, por desgraça com curvas mortais como a do lugar da Bouça.

Os caminhos são fracos tendo vindo a piorarem por terem agora demasiado trânsito: Camiões, tractores, etc.

Os correios podiam e deviam fazer a distribuição domiciliária a todas as casas e o lugar de Medela passar outra vez para o correio da Ucha, pois é um grande lugar desta freguesia.

O que aconteceu foi que os responsáveis dos Correios, não fizeram um estudo sério, não ouviram o povo e por cima de tudo isto, ficou-se mal servido e a murmurar-se das autoridades locais que não tiveram culpa.

O correio, para os habitantes de Medela, vai para Cabanelas.

Outros lugares estão mal servidos.

As autoridades da Terra desenvolveram grande trabalho junto das estações superiores para uma Sede própria, mas até agora só palavras bonitas.

Até dizem as más línguas — devem ser boas e saber do assunto — que o Correio passará a ser servido por Prado.

Para os Correios Centrais ainda existe o Concelho de Prado?

É que esta freguesia, e não dependeu de gente desta geração, pertence a Barcelos.

E as fontes?

Esta freguesia com tanta água no Cávado, deve ser da mais mal servidas do grande concelho que somos.

Em lugar de se construírem fontanários há fontes que acabaram.

Quando o Rio, com a barragem nova de Penida, cobriu e destruiu a fonte na Codracheira, lugar que ficou sem água, ninguém deu uma satisfação.

E a água do Passal que vinha de Cervães?

Deve ter sido explorada quando a freguesia de S. Maria de Penoucos estava ligada à da Ucha—vimos que deixou de pertencer no tempo do abade Diogo Gonçalves e fora anexada e incorporada na igreja de S. Romão da Ucha em 10-6-1431.

Se a igreja de Ucha, nessa altura tivesse dinheiro para a água vir em caleiras de pedra, ainda hoje vinha na mesma.

Vindo em rego aberto — aconteceu nesses tempos, ela chegava para todos — tanta era a água que até há pouco tempo ainda tangia dois moinhos um no passal e outro na quinta — que se foram fazendo lavadouros, conforme se fizeram as casas que eram poucas.

Se há anos, as autoridades tivessem ajudado como várias vezes prometeram a encanar esta preciosa água, estava o assunto resolvido e os donos com ela.

Quando ultimamente se foram colocar canos de plástico, surgiram dificuldades e era tudo simples em diálogo compreensível e honesto:

Não se pode viver sem água; ela é da Ucha, há numerosos documentos; por onde passa em Cervães quase todos têm água, e nós, os lugares de perto da igreja não a temos. Qual o motivo que impede os seus donos e a própria freguesia de a usufruírem, em cujo centro não há outra água.

O lavadouro que está no lugar do Assento, junto à estrada que até foi pago pela Câmara, que representa?

Pois penso que os menos débeis economicamente, ao servirem-se em Cervães desta água, deviam ajudar e providenciar a sua vinda.

Para concluir, há que trabalhar mais e melhor.

Dizem-nos, o Concelho é grande, são muitos filhos a pedir, 89 freguesias. A Câmara não pode.

Dêem a esta freguesia o que ela paga ao Estado

de todas as contribuições o referente só a um ano e a Junta com os seus habitantes resolviam os problemas mais difíceis.

S. Romão, Glorioso Padroeiro:

Depois de termos falado das origens do nome «Ucha», é a vez de nos ocuparmos do seu Padroeiro. Embora, apareça como vimos, nos documentos antigos, a freguesia com o nome de Terroselo, passando mais tarde a chamar-se Ucha, certo é que o Padroeiro S. Romão foi sempre o mesmo Mártir de Antioquia, cuja festa se celebra no dia 18 de Novembro.

No final do Livro apresentarei a sua vida.

Nas inquirições de 1220 vem a designação de «De Sancto Juliano de Ucha», mas segundo bons historiadores foi engano. S. Julião nunca foi o Padroeiro.

Em 1634 os Livros Litúrgicos bracarense suprimiram a sua festa e conservaram a de 9 de Agosto referente a S. Romão, mártir de Roma, comemorado no rito Romano.

Isto deu origem mais tarde a certa confusão e a colocarem na igreja paroquial a imagem de S. Romão da Pucarinha, referente ao Santo de Roma.

S. Romão da Pucarinha, quantos choraram pelo desaparecimento da sua imagem há alguns anos! Mas amigo, se queres contemplar uma miniatura dessa imagem, sobe comigo os degraus da Torre da Igreja e encontrarás no sino Grande que foi oferta do Abade Domingos Ribeiro Suares, assim está escrito, a figura elegante dum jovem romano com o seu capacete, numa mão a palma da vitória e à direita um Pichel (Cântaro pequeno).

Porquê a cantarinha a célebre Pucarinha?

É simples.

Este símbolo refere-se ao Mártir de Roma.

No martírio de S. Lourenço, Romão estava encarregado de sua prisão por ordem das autoridades civis. Era pagão.

S. Lourenço mesmo preso e já nas vésperas de morrer por Cristo, consegue a conversão do seu guarda que pede o baptismo. Como na Prisão não houvesse água, Romão vai buscá-la com uma ânfora. Recebido o baptismo, é intimado a regeitar a Fé e corajosamente sofre a morte por amor da nossa Santa religião.

Ânfora, Cântaro, pucarinha, que felicidade a tua, pois serviste para fazer mais um Santo.

Estando nós numa Terra de especialistas, onde um pedaço de barro dá essas jóias de arte que são as jarras, vasos, cântaros, panelas, o pequeno pichel, que o café feito nele é tomar e morrer por mais; não admira que quisessem representar assim o seu Santo.

A conclusão é a seguinte:

Com todo o respeito pelo mártir S. Romão que o bom humor de S. Lourenço ajudou e levou a baptizar, o Padroeiro da Ucha é o Mártir de Antioquia.

Quanto à imagem que melhor representa o Padroeiro foi a que estava gravada numa bandeira grande e antiga da qual se fez o quadro que coloquei na sacristia e serviu de modelo para a imagem em azulejos que mandei fazer para a frente da igreja a qual vai ser colocada com a data deste ano de 1978.

Nota: depois de escrever o que fica dito, encontrei no Livro de Estatutos da Confraria de S. Romão de 1749 a dizer que o dia do glorioso padroeiro é a 18 de Novembro.

S. Romão padroeiro

Até ao século VI, as igrejas catedrais e paroquiais não tinham santo titular nem relíquias e consideravam-se sagradas desde que nelas fossem celebradas os divinos mistérios.

Ao contrário destas, as igrejas particulares, Basílicas ou Oratórios construía-se, geralmente, para guardar o corpo ou relíquias, reais ou representativas, de um santo, que lhe dava o nome.

Desde o fim do século VI, generalizou-se, porém, o costume de dar um patrono celeste a todas as igrejas, incluindo a Catedral e as Paroquiais, que passaram a ter por titular o Divino Salvador, a Virgem Maria, um ou mais santos.

S. Romão.

Nos Censuais de Braga S. Romão aparece como padroeiro de 12 freguesias;

De 2 capelas, sendo uma na citânia de Briteiros, já existente em 1059 e outra em Fareja, mencionada nas inquirições de 1258, de que já não restam vestígios

Nas freguesias de Tagilde e de Oleiros mencionam-se lugares de S. Romão, respectivamente, em 1133 e 1258; e também titular secundário do mosteiro de Guimarães.

A liturgia hispânica celebrava a 18 de Novembro a festa deste Santo, S. Romão, mártir de Antioquia que é padroeiro destas freguesias. «Ver Revista Biblos vol. 33 p. 471.»

S. Romão patrocínio especial

O Autor de Barcelos Aquém e Além Cávado ao falar de S. Romão de Fonte Coberta, diz... o povo crê que S. Romão é advogado contra a hidrofobia. Benzia-se certo pão para ser dado às pessoas mordidas por animais danados.

S. Romão na vida dos Santos:

O livro Vidas dos Santos de Omer Englabert traduzido por a União Gráfica, em 18 de Novembro menciona por esta ordem:

Santo Odo (879-942).

Santa Hilda (680). Princesa da Nortúmbria, fundadora e abadessa do mosteiro de Witby, na Este-
-Ânglia.

Santos Romão e Bárula foram martirizados em Antioquia da Síria em 304. Bárula era ainda menino.

S. Romão no Livro Flos Sanctorum:

Vai a seguir a sua vida tal qual aí se descreve.

Poderá servir para os historiadores modernos saberem destrinçar o que é lenda—o povo cristão da idade média muitas vezes apoveitava o seu santo para da vida real, fazer o seu romance piedoso — e o que é certo e verdadeiro. Que o conhecimento da sua vida seja útil para todos. Que a sua nobre coragem em defender a igreja edifício material (Casa) e a igreja viva (Cren-tes) ou seja a verdadeira igreja Católica, pelas quais verteu o sangue generoso de jovem, seja modelo e luz, para quantos desejam um mundo novo. Que a sua preciosa protecção caia não só onde é padroeiro mas alcance todos os Povos.



S. Romão

Dia 18 de Dezembro, História e vida de S. Romão Mártir

S. Romão foi um dos primeiros e mais ilustres mártires que a cidade de Antióquia, metrópole do Oriente, deu à igreja, na perseguição dos imperadores Diocleciano e Maximiano. Ele era diácono da igreja de Cesarea, na Palestina, mas a Divina Providência dispôs que se achasse em Antióquia quando, em virtude dos editos imperiais, o prefeito do Pretório, chamado Asclepiades fazia derribar os templos sagrados, e contrangia com ameaças e tormentos aos cristãos a renegarem da fé de Jesus Cristo, e a oferecerem incenso aos ídolos.

Vendo o Santo diácono que muitos de toda a idade, sexo e condição corriam em tropel a sacrificar aos falsos deuses por temor dos suplícios, não pôde conter o seu ardente zelo; e sem fazer caso dos perigos a que se expunha, se opôs à torrente dos prevaricados. As suas vivas e eloquentes exortações foram tão eficazes, que não sómente se sustiveram os vacilantes, e seguravam aqueles que tinham permanecido firmes, mas ergueram ainda muitos dos que tinham caído, e os animaram a voltar à peleja, e a combaterem varonilmente pela religião cristã.

Informado o pretor da animosa constância do Romão, o fez prender; e, conduzido à sua presença, o increpou de desobediente às ordens dos imperadores, e da sua audácia em querer opôr-se às suas vontades, a que ele chamou manifesta rebelião.

Romão não só confesou livremente, mas se gloriou de ter feito aquilo que o pretor lhe lançava em rosto; e se ofereceu para padecer qualquer suplício que ele quisesse fazer-lhe sofrer em confirmação daquela fé que havia prégado. Então o prefeito, aceso em ira, mandou que o estendessem sobre o cavalete e lhe fosse o corpo escarnado com unhas de ferro.

Mas tendo ouvido que Romão era de linhagem illustre trocou o suplício, e o mandou açoitar por muito tempo com disciplinas de ferro, armadas com rosetas nas pontas. No meio desta crueldade o Santo mártir não somente mostrou uma invicta paciência, mas com admirável alegria de espírito falou sempre contra a loucura dos gentios, e não deixou de pregar a excelência da religião cristã.

Irritado Asclepiades, como se as suas palavras fossem injuriosas à magestade imperial, ordenou que o Santo mártir fosse estendido sobre o cavalete e com unhas de ferro lhe lacerassem o peito e o ventre até que se lhe vissem as entranhas donde tinha saído aquela, como ele dizia, temerária voz contra os príncipes.

Mas o Santo continuou a celebrar a glória de Jesus Cristo, e a exaltar os sacrossantos mistérios da religião cristã e concluiu com estas palavras: Faça-se aqui vir um menino de tenra idade, simples e inocente, e se lhe pergunte qual a religião se deva antes seguir, se aquela que venera muitos deuses, ou aquela que adora um só.

Aceitou Asclepiades o partido, e fazendo comparecer perante si o miúdo por nome Bárula, que se achava ali presente com sua mãe, Romão lhe perguntou se era conveniente adorar muitos deuses, ou um só Deus. O menino respondeu de repente: Não há senão um só Deus, nem podem ser muitos deuses. Admirado e confuso o tirano: Quem te ensinou a falar assim, disse cheio de cólera ao menino e ele replicou sem trepidar: A mãe, é a Mãe de Deus.

Venha pois, perante mim a mãe, replicou Asclepiades, e na desgraça de seu filho pague a pena da sua má

educação. Isto dito, ordenou aos algozes, que suspenso no ar o menino Bárula, e despido o açoitassem com varas. A este espectáculo todos os assistentes, e até os algozes não puderam conter as lágrimas. Só a mãe olhava para ele com semblante risonho e com olhos enchutos. E depois disto Asclepiades pronunciou a sentença final, em que S. Romão foi condenado a ser queimado vivo, e o menino Bárula a ser decapitado.

A mãe do menino acompanhou-o intrépida ao lugar do suplício, e sem derramar uma lágrima, antes que ele recebesse o golpe, lhe disse: Quando entrares no Reino de Cristo lembra-te de tua mãe: e de meu filho faze-te meu protector. Isto dito, quando o algoz levantou a mão para dar o golpe no tenro pescoço, recitou ela com júbilo o verso do salmo: É preciosa à vista do Senhor a morte dos seus Santos. Depois estendeu as mãos e um pano para recolher o sangue e a cabeça cortada do Santo mártir, que de repente uniu como um caro penhor ao seu seio.

Entretanto, em outro sítio do mesmo campo estava pronto um monte de lenha que devia queimar S. Romão, o qual já estava sobre ela, preso a um pau. Mas enquanto os algozes se dispunham a pôr-lhe fogo, ele, levantando os olhos ao Céu, pediu a Deus que permitisse que não fosse queimado; não porque temesse um tal suplício, mas para que os gentios conhecessem o seu poder, e os cristãos se confirmassem na fé. Apenas foi feita a oração o Céu se cobriu de nuvens, e caiu tanta chuva que não foi possível fazer arder a lenha, bem que se lhe tivesse deitado muito óleo e pez.

Informados os imperadores de um tal prodígio eram de sentimento de o deixar livre: porém Asclepiades se opôs attribuindo a arte mágica o que tinha sucedido; e para punir Romão da liberdade com que tinha falado, e falava ainda dos deuses e dos príncipes, mandou que lhe cortassem a língua.

Aconteceu achar-se ali presente um cirurgião cristão chamado Aristones, o qual havia pouco tempo que

tinha renegado da fé por fraqueza, não podendo sofrer a atrocidade dos tormentos. A ele, pois, foi ordenado o cortar até à raiz a língua ao Santo diácono, o qual voluntariamente a expôs ao golpe, tendo sem se mover aberta a boca. Por um tal suplício devia S. Romão perder imediatamente a vida, mas o Senhor não sómente quis conservar-lha como um evidente milagre, mas fez ainda outro maior, e foi que ele falasse mais expeditamente do que antes. Tendo o tirano sabido que ele não sómente sobrevivia ao suplício, mas que além disto tinha o uso da fala, suspeitou que o cirurgião o tivesse enganado. Foi porém fácil a êste demonstrar a falsidade da suspeita com fazer ver a boca do Santo, que com efeito foi achada sem língua. Esteve S. Romão muitos meses na prisão, aonde não desistia de prégear a quem o ia ver, a glória da Cruz e a vitória de Cristo com tal fervor de espírito, que, de certo modo parecia glorificar a Deus com aquela voz que os Anjos o louvam no Céu.

Sendo pois, chegada a solenidade Vicenal do imperador Diocleciano, isto é, do vigésimo ano do seu império, na qual era costume conceder-se a liberdade a todos os réus que estavam em prisões, só o Santo mártir Romão foi exceptuado desta graça, e na mesma prisão foi decapitado.

Assim. como há muito tempo desejava, conseguiu a verdadeira liberdade dos filhos de Deus, celebrou no Céu um verdadeiro triunfo, mas mais nobre do que aquele que no mesmo dia 17 de Novembro do ano 303 vaidosamente celebrou em Roma o imperador Diocleciano junto com Maximiano Hercúleo que de muitos anos tinha associado ao império.

S. João Crisóstomo e outros Padres, têm no dia de sua festa celebrado com muitos louvores a memória do seu glorioso martírio.

Extraído do «Flos Sanctorum» (XI d)

Conclusão

Foi muito o que ficou por dizer: são milhares de anos de vida nestas margens do Cávado.

Celtas dominados pelos Romanos que aqui como nas outras partes do Império deixaram uma civilização.

Bárbaros, novos reinos, Suevos, Visigodos... Mouros.

Reconquista Cristã e o cristianismo que vai tentando a Conversão por vezes tão difíceis.

Lutas dignas, lutas mesquinhas por dá cá aquela palha.

Surpestições legadas do paganismo ao lado de crentes fervorosos.

Há os que não souberam viver, mas foram salvos na sua morte.

Há os que viveram para os seus semelhantes e se sacrificaram a cima das forças humanas, e os que interesseiramente foram parasitas.

Bem e mal, às vezes este a querer suplantar aquele.

Mormurações e calúnias de que quem não soube ou não quiz trabalhar e preferem o mais fácil, destroem em vez de ajudarem a construir.

Uns que ganharam nome tantas vezes à custa dos outros que ficando esquecidos aos olhos dos homens não o são na sua humildade para Deus.

Neste caminhar da história humana, somos tão insignificantes e incompletos.

Ficou por fazer o elogio de todos os construtores do bem, feito no silêncio dos seus corações que não

deram nas vistas e seguindo os conselhos de Cristo, nem a mão esquerda soube das bênçãos distribuídas pela direita.

Tanta gente, como o sr. Manuel Júlio da Silva Ferreira, levado à presença de Deus muito cedo, amigo e benfeitor desta igreja foi também o iniciador das peregrinações da Senhora do Bom Despacho, nos tempos modernos.

Não haveria bons Generais se não existisse o soldado desconhecido.

Ficou por fazer a história das mães abnegadas que deram a vida por seus filhos; das mulheres que foram a felicidade e alegria de seus maridos; da Juventude, rapazes e raparigas que no seu entusiasmo generoso são uma presença viva nas essembleias religiosas e trabalham pela Terra que os viu nascer, honrando suas famílias.

Falou-se do sr. Professor Mendes, mas como êle, tantas senhoras professoras a darem-se com toda a alma para fazerem da gente miúda homens e mulheres úteis à sociedade e à Pátria.

Ficaram por nomear tantas catequistas — como a S.^a Mestra, a S.^a Delfina, a S.^a Ana de Galegos, na Pousa — por onde nós passamos a ensaiar novos passos para caminhos não andados.

Que a história seja mestra da vida para nós e nos ajude a trabalhar com esforço e dedicação pela humanidade.

E a vida continua e como diziam os Almanagues antigos e dizemos nós: Deus super ommia.

Bibliografia

Das muitas obras consultadas apenas referimos algumas.

Arquivo Paroquial de S. Romão da Ucha: Livro de Vizitas, 2 livros de testamentos, livros da confraria do Santíssimo, S. Romão, Subsino, etc.

Biblos, Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, volumes XXXIII e XXXIV edição de 1948.

Fastos Episcopais, edição da Mitra Bracarense, 4 v. de 1928.

O cabido de Braga de A. Luiz Vaz.

O abade de Tibães e o seu concelho de A. Lopes de Oliveira.

Olaria, Boletim do Museu de Cerâmica Popular Portuguesa, edição da Câmara de Barcelos de 1968-1969.

Imprensa Bracariense de A. Lopes de Oliveira, edição de 1976.

Cervães e o Bom Despacho de A. Sousa Araújo, 1977.

O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado de T. da Fonseca. Guia de Braga, edição de 1959.

Galegos, Santa Maria, de Francisco Alves de Almeida.

Vários artigos na Revista Acção Católica de Arlindo R. da Cunha.

11 1111

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

IMPRIMATUR:

BRAGA, 18 DE JULHO DE 1978

Con. Carlos Pinheiro, Vig. Geral

Índice

LOCALIZAÇÃO	pág. 15
UCHA SEU NOME	» 16
ORIGENS RELIGIOSAS	» 21
SUA ANTIGUIDADE	» 22
S. ROMÃO DE TERROSELO... ..	» 23
S. ROMÃO EM 1220... ..	» 23
S. ROMÃO EM 1258	» 25
S. ROMÃO EM 1290	» 27
S. ROMÃO EM 1294 E 1333	» 27
S. ROMÃO EM 1320	» 27
S. ROMÃO EM 1431	» 28
S. ROMÃO EM 1528	» 28
S. ROMÃO NO S. 16	» 28
S. ROMÃO EM 1749 E 1773	» 30
S. ROMÃO EM 1773 E 1789	» 31
S. ROMÃO EM 1789 E 1817	» 31
S. ROMÃO EM 1817 E 1819	» 32
S. ROMÃO EM 1819 E 1835	» 32
S. ROMÃO EM 1835 E 1838	» 32
S. ROMÃO EM 1838 E 1878	» 32
S. ROMÃO EM 1878 E 1900	» 34
S. ROMÃO EM 1900 E 1914	» 35
S. ROMÃO EM 1914 E 1918	» 35
S. ROMÃO EM 1918 E 1934	» 36
S. ROMÃO EM 1934 E 1946	» 37
S. ROMÃO EM 1946 E 1949	» 38
S. ROMÃO EM 1949 E 1950	» 39
S. ROMÃO EM 1950 E 1955	» 39
IGREJA CAPELA	» 40
IGREJA VELHA	» 41

CAPELA DA CRUZINHA	pág. 42
CAPELA DA S. ^a DAS GRAÇAS	» 43
CAPELA MÃE DOS HOMENS	» 44
CAPELA DE S. SEBASTIÃO	» 45
CRUZEIRO	» 46
ALMINHAS NO LUGAR DE ANDORINHAS	» 47
ALMINHAS NO LUGAR DE CRASTO	» 48
ALMINHAS JUNTO AO ADRO	» 49
PRÉDIOS QUE S. ROMÃO DA UCHA HERDOU	» 50
SALÃO	» 51
CONFRARIA DE S. ROMÃO	» 57
SUBSINO	» 59
FABRIQUEIRA	» 60
CONFRARIA DO SANTÍSSIMO	» 61
APOSTOLADO DA ORAÇÃO	» 62
ASSOCIAÇÃO DA DOCTRINA CRISTÃ	» 63
CONFERÊNCIA DE S. VICENTE DE PAULO	» 64
S. ^a DO FACHO	» 65
TENENTE DO FACHO	» 66
S. ROMÃO EM 1978	» 71
DESPORTO DA UCHA	» 72
S. ROMÃO E A AGRICULTURA	» 73
FUNÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA ESCOLA	» 74
PESSOAS FORMADAS DA UCHA	» 77
PROFESSOR MENDES	» 78
PADRES NASCIDOS NA UCHA	» 80
D. ERNESTO GONÇALVES DA COSTA	» 85
CÓNEGO CONSTANTINO M. DE SOUSA	» 87
P. JOÃO JOSÉ GOMES DE MACEDO	» 88
P. MANUEL DE MACEDO E SOUSA	» 89
S. ROMÃO CARÊNCIAS E DIFICULDADES	» 90
S. ROMÃO GLOR. PADROEIRO	» 92
S. ROMÃO PADROEIRO	» 93
S. ROMÃO PATROCÍNIO ESPECIAL	» 94
DIA 18 DE DEZEMBRO S. ROMÃO	» 99
CONCLUSÃO	» 103
BIBLIOGRAFIA	» 105

Erratas

Onde se lê	deve lêr-se
No pról. 2. ^a linha <i>houvir</i>	ouvir
p. 52 linha 24 <i>contactar</i>	contratar
p. 55 <i>Fernando da Silva</i>	Fernando da Silva Graça
p. 80 3. ^a linha <i>das</i>	dos

Composto e Impresso na Oficina de S. José — BRAGA

O Autor, nasceu na freguesia da Pousa, Barcelos, na casa Eira Velha em 7-5-1928.

Oriundo duma família numerosa, 11 irmãos e irmãs é filho de Manuel Pereira Ribeiro e D. Lucília Gomes de Araújo.

Seus Pais, agricultores modestos são exemplo de trabalho e dedicação à Família.

Com imenso sacrifício conseguiram abrir caminhos por onde seus filhos subiram, mesmo na escala social

Queridos no seu meio, estiveram sempre presentes ao progresso religioso e político da sua Terra.

biblioteca
municipal
barcelos



7528

S Romão da Ucha